Pensi
Instituto de
Pesquisa e Ensino

Retrato da Solidariedade

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NO BRASIL

2024

Retrato da Solidariedade

Comportamento pró-social no Brasil
2024

Coordenação: Laboratório de Comportamento Pró-social
e Políticas Públicas / Instituto Pensi, São Paulo-SP

Edição e revisão: PrimaPagina

Projeto gráfico e diagramação: Naru Design

Direitos de uso

© Instituto Pensi

Este relatório pode ser reproduzido total ou parcialmente,
para usos não comerciais, desde que citada a fonte

Laboratório de Comportamento Pró-social e Políticas Públicas.
Retrato da Solidariedade 2024 — Comportamento Pró-Social no Brasil.
Instituto Pensi. São Paulo. Brasil, 2025.

Pensi
Instituto de
Pesquisa e Ensino

Retrato da Solidariedade

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NO BRASIL

2024

Índice

4 APRESENTAÇÃO

01

7 O que é a pesquisa?

9 Quais são os principais objetivos?

9 Como a pesquisa foi feita?

10 Um método mais preciso

11 Por que fazer mais entrevistas com os mais ricos?

02

12 Como se manifesta a solidariedade dos brasileiros?

14 O que pode ter contribuído para o aumento das doações financeiras?

15 Doação: um tema fora do radar

03

18 Doações financeiras para OSCs: quem faz, por que faz, como faz

21 Por que os brasileiros fazem doação financeira?

23 Como o brasileiro escolhe qual OSC vai apoiar?

27 Quanto o brasileiro doa para OSCs?

31 Metodologia para cálculo dos valores

32 Com que regularidade o brasileiro faz doações financeiras?

36 Quantas organizações o brasileiro apoia — e como faz a contribuição?

39 Quais canais mais estimulam a doar?

41 Os motivos de quem não doa para OSCs

42 Quantos brasileiros aderem a outras formas de doação financeira?

04

46 **Qual o perfil de quem doa bens? E dos voluntários?**

05

52 **Doações às vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul**

54 Quantos brasileiros ajudaram o RS?

56 A ajuda ao RS impactou o total de doações?

06

58 **Doação de sangue, órgãos e tecidos: quais são as barreiras?**

59 Quantos doam sangue?
Quais as justificativas de quem não doa?

63 Quantos se dispõem a doar órgãos?
Quais as justificativas de quem não consente?

65 **REFERÊNCIAS**

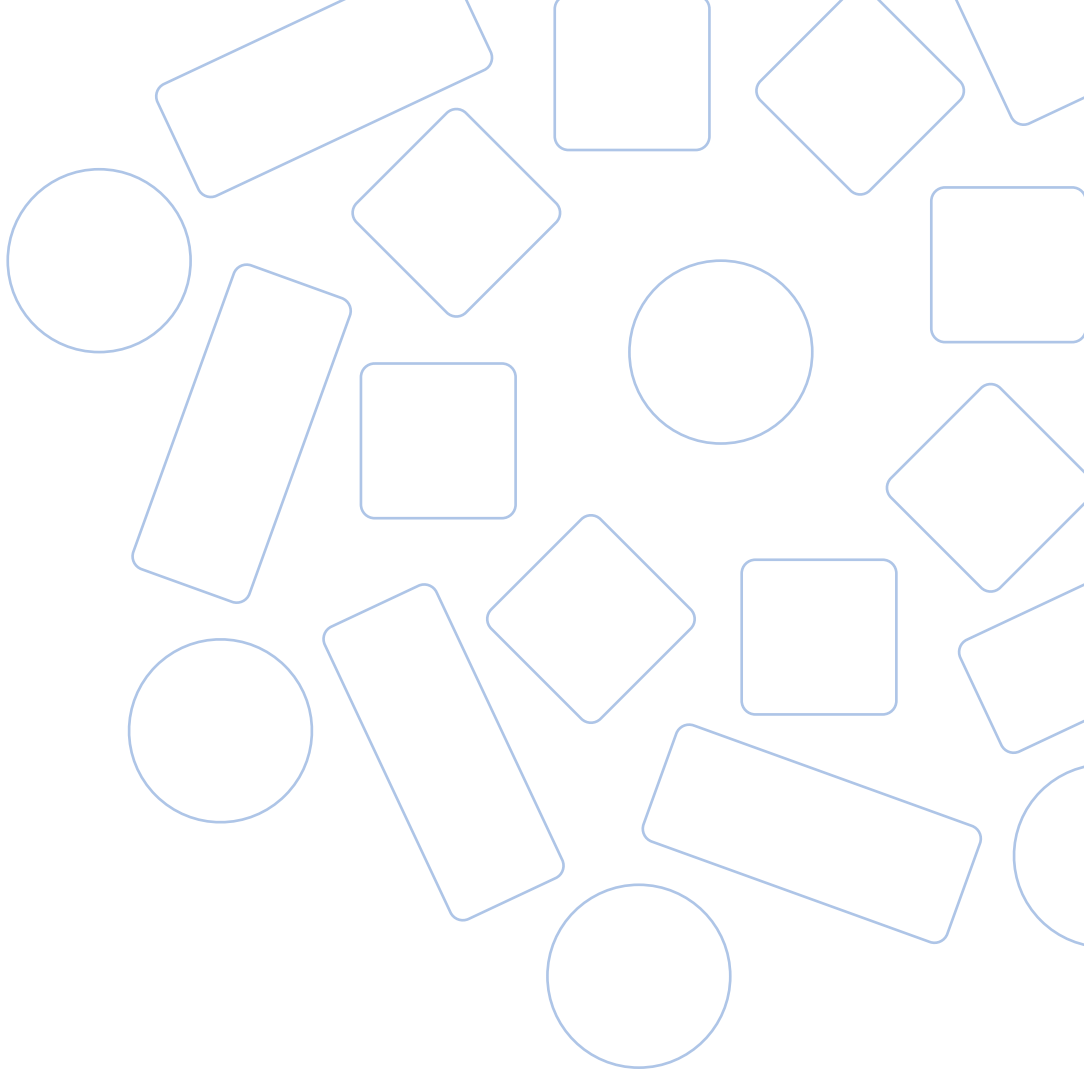
Apresentação

Quando, em 2024, a Fundação José Luiz Setúbal (FJLS) decidiu lançar uma pesquisa anual sobre solidariedade no Brasil, o objetivo era não só acompanhar a variação das doações ao longo do tempo, mas também captar o efeito de fenômenos pontuais e de comoções públicas. Esta segunda edição da Retrato da Solidariedade mostra o acerto da iniciativa.

Ao usar como base de sua coleta empírica um questionário semelhante ao do levantamento inaugural — com alguns aperfeiçoamentos —, foi possível detectar, de forma clara, o efeito da ajuda ao Rio Grande do Sul no comportamento pró-social do brasileiro. A partir de perguntas específicas sobre a reação às enchentes que castigaram mais de 470 municípios gaúchos em abril e maio de 2024, o estudo aponta que mais de um quarto da população adulta deu algum tipo de apoio às vítimas da tragédia — doando bens, dinheiro ou se voluntariando. Os dados demonstram, também, que a resposta à crise socioclimática fez algumas pessoas doarem pela primeira vez na vida, o que pode ser um sinal otimista para a formação de uma cultura de doação no país.

Contudo, os resultados indicam que as situações emergenciais têm impacto na atração de doações imediatas, mas estas muitas vezes não se mantêm ao longo do tempo. A pesquisa aprofunda a compreensão sobre a regularidade das contribuições financeiras às organizações da sociedade civil (OSCs), distinguindo dois perfis principais: o *doador recorrente*, que faz pagamentos programados e em intervalos pré-definidos para uma mesma organização; e o *doador pontual*, que contribui de forma avulsa, sem programação. De 2023 para 2024, a parcela de brasileiros que fizeram doações pontuais subiu de 17% para 24% — um aumento de 41%. Considerando apenas o universo de doadores, a proporção de pontuais passou de 62% para 76%. Esse crescimento teve influência direta na expansão do volume aportado no ano passado e está fortemente associado às catástrofes socioambientais que marcaram o período, em especial as enchentes do Rio Grande do Sul.

Já o grupo dos doadores recorrentes encolheu de 11% para 8% da população adulta. Essa redução, com potencial de enfraquecer a previsibilidade do financiamento às OSCs, ocorreu em um contexto de incertezas macroeconômicas, sinalizadas, entre outros indicadores, pela queda do Índice de Confiança do Consumidor (ICC) e da Intenção de Consumo das Famílias (ICF)



ao longo de 2024. Em conjunto, esses resultados sugerem um cenário em que eventos críticos ampliam o engajamento solidário de curto prazo, mas a base de doação estável — fundamental para o planejamento e a sustentabilidade das OSCs — permanece frágil. Desse modo, temos aqui uma informação que carrega nuances pessimistas em relação à cultura de doação no país.

No caso específico das enchentes no Rio Grande do Sul, o estudo demonstra que a ajuda às vítimas teve efeito considerável nos três tipos de colaboração analisados: doação de bens, doação financeira e voluntariado. Catástrofes de grande visibilidade nacional conseguem engajar públicos que, em contextos normais, provavelmente não doariam. As estimativas indicam que o impacto foi mais intenso na doação de bens (acréscimo de 8,3 pontos percentuais), seguido pelas doações em dinheiro (3,9 pontos) e, em menor medida, pelo voluntariado (1,5 ponto). Esses números decorrem de uma pergunta específica feita aos entrevistados que declararam ter colaborado com OSCs em 2024: se parte dessas doações havia sido direcionada às demandas geradas pelas enchentes, e se aquela contribuição havia sido a primeira de suas vidas. As respostas reforçam a ideia de que crises socioambientais funcionam como portas de entrada para novos doadores, abrindo oportunidades importantes — mas ainda pouco exploradas — para fidelização e construção de vínculos duradouros com as organizações.

Assim como na primeira edição da pesquisa, a coleta, o processamento e a análise das informações seguiram as melhores práticas dos trabalhos científicos. Entre os diversos tipos de levantamentos possíveis, escolhemos as entrevistas presenciais domiciliares, que têm se mostrado mais precisas em países em desenvolvimento. Fizemos entrevistas adicionais com um grupo pouco representado na população, mas fundamental para compreender as dinâmicas da doação: as famílias de maior renda. E disponibilizamos na internet, em português e inglês, todo o material necessário para que estudiosos do tema possam debruçar-se sobre os números e testar suas próprias hipóteses a partir da Retrato da Solidariedade.

Para o público não especializado, este relatório sintetiza os principais achados, com ênfase nos dados sobre doações financeiras a organizações da sociedade civil. Várias respostas dão pistas sobre as motivações de os brasileiros doarem (ou não), como também sobre quais canais mais estimulam as doações e quais são os meios de pagamento mais usados. Ao incorporar a dimensão da regularidade das doações e o papel das respostas a emergências, o estudo oferece subsídios adicionais para que OSCs e formuladores de políticas públicas possam pensar estratégias de mobilização de recursos que combinem a potência das campanhas de curto prazo e a consolidação de relações de longo prazo com seus apoiadores.

Dessa forma, a Fundação José Luiz Setúbal, por meio do Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia do Instituto Pensi, mantém seu compromisso de produzir conhecimento sobre a filantropia brasileira de forma frequente, precisa, transparente e academicamente sólida — e de contribuir para a tomada de decisões nas OSCs. Ao unir produção e difusão do conhecimento, buscamos não só compreender como a filantropia pode contribuir para a solução de alguns dos principais problemas do Brasil, mas também dar ferramentas às milhares de organizações que estão na linha de frente, para que se fortaleçam no combate a esses problemas.

Boa leitura!

José Luiz Egydio Setúbal,
presidente da Fundação José Luiz Setúbal

Marcos Paulo Lucca Silveira,
diretor de estratégia (CSO) da Fundação José Luiz Setúbal

01

O que é a pesquisa?

A *Retrato da Solidariedade* é um **levantamento nacional de opinião pública que examina como a população brasileira ajuda o próximo** — como, voluntariamente, doa dinheiro, bens, sangue, órgãos ou tempo, como exerce o que alguns estudiosos chamam de comportamento pró-social[1]. É o único projeto desse tipo, no Brasil, feito anualmente e por meio de entrevistas em domicílio.

Nesta **segunda edição**, o trabalho de campo, realizado em dezembro de 2024 pela empresa Quaest, ouviu 2.568 pessoas de todas as classes sociais, em várias partes do país — a amostra é representativa do Brasil e de suas cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Incluiu visitas adicionais a lares de alta renda, para fazer um raio X mais preciso dessa camada da população, algo inédito em pesquisas sobre comportamento pró-social no Brasil.

O relatório da edição anterior pode ser lido em

1 Sobre o conceito, ver artigo de Stefan Pfattheicher, Yngwie Asbjørn Nielsen e Isabel Thielmann. As referências completas estão ao final deste relatório.

A iniciativa busca responder, entre outras questões, a perguntas como:

- **Quantas pessoas praticaram algum tipo de comportamento solidário em 2024?**
- **Quais as causas que mais levaram a população a doar dinheiro ou tempo (voluntariado)?**
- **Com que frequência as pessoas doaram recursos a organizações da sociedade civil?**
- **Quanto, em média, as pessoas doaram?**
- **Em que medida o comportamento solidário foi diferente segundo o sexo biológico, a idade, a região de moradia ou a cor/raça[2] dos entrevistados?**
- **Que barreiras dificultam a doação de sangue no Brasil?**
- **Qual é o nível de disposição dos brasileiros para doar órgãos ou tecidos?**

Na segunda edição, é possível verificar com que intensidade esses fatores variaram entre 2023 e 2024. Além disso, colocou-se uma **lupa específica sobre os efeitos das fortes chuvas que atingiram o Rio Grande do Sul** em abril e maio de 2024 e afetaram 2,4 milhões de habitantes.

Quais são os principais objetivos?

Um dos objetivos centrais é ser fonte confiável de informação sobre os comportamentos solidários no Brasil, em especial sobre doações às organizações da sociedade civil (OSCs), tema de grande parte das perguntas do questionário feito aos entrevistados. Pretende-se, assim, ajudar o terceiro setor a elaborar estratégias mais balizadas, com maior potencial de captação.

Outro objetivo importante é gerar conhecimento científico sobre uma área ainda muito carente de dados no Brasil. Por isso, a pesquisa segue as melhores práticas acadêmicas de rigor e transparência e publica na internet, em português e inglês, todo o material necessário para que estudiosos brasileiros e estrangeiros possam produzir trabalhos sobre o tema[3].

Como a pesquisa foi feita?

O questionário explorou opiniões e valores, participação em comportamentos solidários, comportamento de quem faz doação financeira às OSCs e perfil sociodemográfico. Acrescentou-se um bloco de perguntas sobre contribuições às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul; detalharam-se as doações financeiras por causa e incluiu-se um conjunto de novas questões sobre doação de sangue e de órgãos, voluntariado e confiança nas OSCs.

2 A pesquisa apresentou, aos entrevistados, as mesmas alternativas do IBGE: preta, parda, branca, amarela ou indígena. Nos gráficos deste relatório, as duas primeiras foram agrupadas na categoria "negros"; as duas últimas não foram mostradas, em razão do baixo número de representantes na amostra.

3 Toda a documentação relativa ao projeto, incluindo questionários, dicionários de variáveis, bases de dados e anexos metodológicos, está disponível no repositório da Open Science Framework (OSF), em: https://osf.io/72npx.

ENTENDA A PESQUISA

PERÍODO
17 a 23 de dezembro de 2024

MÉTODO DE COLETA
Entrevistas presenciais, domiciliares, usando como base o mesmo questionário para todas as pessoas, com pequenas variações conforme as respostas do participante.

Um método mais preciso

A *Retrato da Solidariedade* é, no Brasil, a única de sua área que coleta dados de entrevistas presenciais, feitas em domicílios. É um método de maior rigor científico.

Toda pesquisa de opinião enfrenta algum grau de dificuldade para alcançar todos os extratos da população (cobertura) e para entrevistá-los (algumas pessoas não podem ou não querem participar). Mas esses problemas são maiores nos levantamentos feitos por telefone ou online — o que aumenta o risco de os resultados estarem enviesados.

Vários estudos[4] indicam que, em países de renda média, como o Brasil, as sondagens por telefone ou internet não atingem a precisão das sondagens presenciais mesmo quando aplicam técnicas para tentar corrigir as distorções (como pós-estratificação e pareamento/matching). Elas tendem a obter menos respostas da população de baixa renda.

4 Ver, por exemplo, o de Castorena et al. e o de Robbins et al. A referência completa está ao final deste relatório.

FAIXA ETÁRIA PESQUISADA
18
anos ou mais

NÚMERO DE MUNICÍPIOS PESQUISADOS
120
seguindo critérios definidos a partir do Censo 2022 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-IBGE), em sua edição do terceiro trimestre de 2024.

MARGEM DE ERRO
No total da amostra,
2
pontos percentuais, num nível de confiança de 95% — os mesmos padrões da primeira edição. A margem cresce quando se divide a amostra por grupos — sexo masculino, sexo feminino, moradores de uma região específica (Norte, Nordeste, Sul...).[5]

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Laboratório de Comportamento Pró-social e Políticas Públicas, do Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia do Instituto Pensi

PESQUISA DE CAMPO
Quaest Pesquisa e Consultoria

5 Comparações entre 2023 e 2024, e também entre os grupos socioeconômicos, precisam considerar as margens de erro. Em alguns casos, variações entre os resultados podem refletir apenas oscilações dentro das margens. Ao longo deste relatório indicamos as diferenças mais significativas.

TOTAL DE ENTREVISTAS

2.568

NÚMERO DE ENTREVISTAS

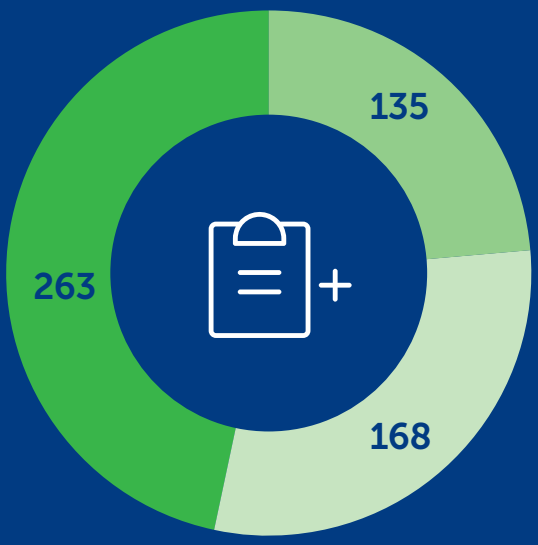
2.002

numa amostra desenhada para representar a população do Brasil e das cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul).

ENTREVISTAS ADICIONAIS

566

em domicílios com indivíduos de renda elevada, para captar com mais precisão os comportamentos desse grupo social. Esse grupo de entrevistas foi assim dividido:



Por que fazer mais entrevistas com os mais ricos?

Em qualquer pesquisa representativa da população brasileira, a quantidade de indivíduos de alta renda vai ser proporcionalmente pequena, porque eles são poucos no país. Num levantamento com cerca de 2 mil pessoas, o número de participantes de alta renda seria insuficiente para análises mais aprofundadas sobre esse grupo. Com a inclusão de mais domicílios de maior poder aquisitivo, o estudo ganha em precisão — e a *Retrato da Solidariedade* é o primeiro trabalho de fôlego sobre o tema no país a fazer isso.

O acréscimo é particularmente importante em pesquisas sobre doações financeiras às organizações da sociedade civil. A literatura internacional[6] tem mostrado que não é possível fazer avaliações confiáveis sobre esse tipo de comportamento pró-social sem aumentar a amostra de doadores de alta renda.

6 Ver o artigo de Michaela Neumayr e Astrid Pennerstorfer e o de Pamala Wiepking (2007). As referências completas estão ao final deste relatório.

02

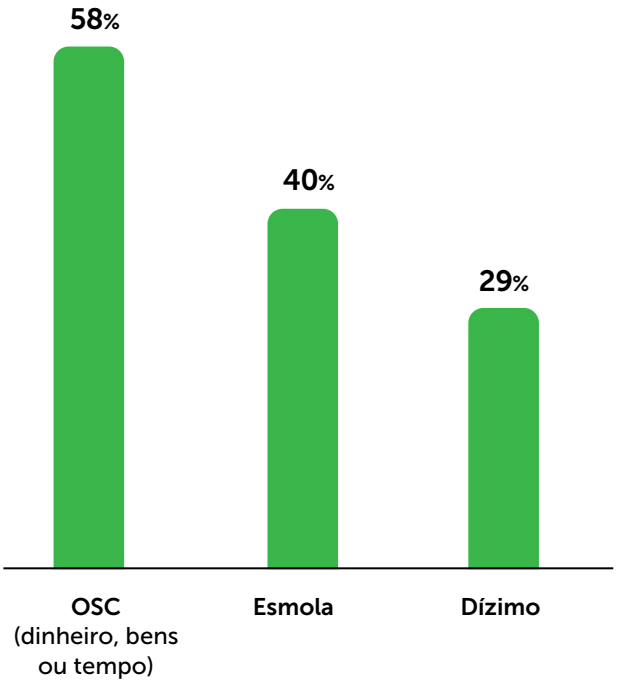
Como se manifesta a solidariedade dos brasileiros?

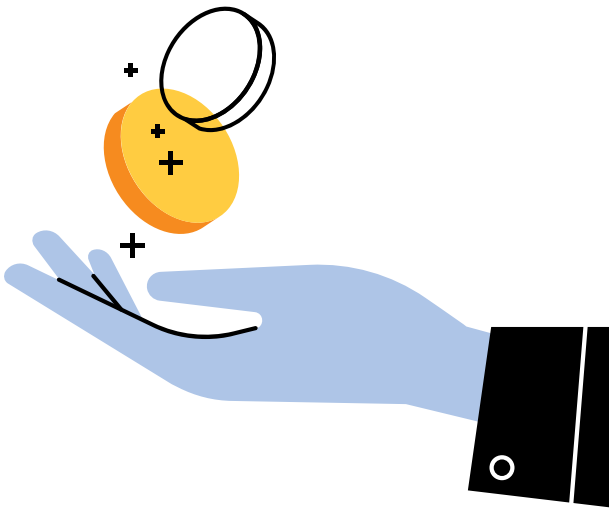
Não existe uma única maneira de exercer a generosidade. Diferentes pessoas ajudam os outros de diferentes maneiras. Este relatório divide as diversas formas de comportamento pró-social nas seguintes grandes categorias: 1) doação de dinheiro, bens ou tempo (trabalho voluntário) para organizações da sociedade civil; 2) outros tipos de doação financeira (esmola ou de causa religiosa). As duas não se excluem (quem doou para uma OSC pode ter dado esmola ou contribuição religiosa, por exemplo). Há ainda uma terceira categoria (doação de sangue e de órgãos) que será tratada em seção própria.

Como as categorias se comportaram em 2024, ano marcado por catástrofes socioambientais de grande porte, como as secas na região Norte, os incêndios no Pantanal e, sobretudo, as enchentes do Rio Grande do Sul? Como mostra o Gráfico 1, a única praticada por mais de metade da população é a relacionada a OSCs: quase 60% dos entrevistados disseram ter feito ao menos uma doação de bem, dinheiro ou tempo (voluntariado) a organizações em 2024. É o dobro do percentual dos que deram dízimo (29%) e quase 50% a mais do que os que deram esmola.

GRÁFICO 1

Percentual de pessoas que disseram ter feito cada tipo de doação em 2024





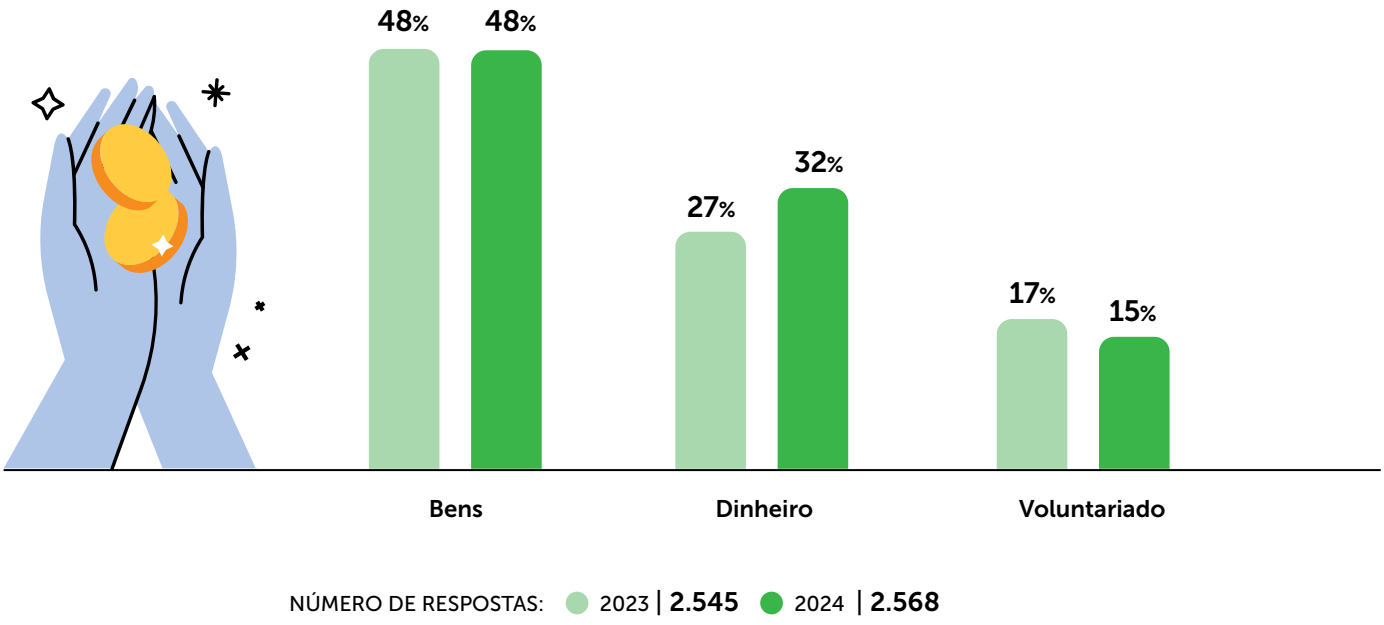
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.568**

E de que forma as categorias variaram de 2023 para 2024? A pergunta sobre esmola e dízimo foi aperfeiçoada a partir da última edição, com mudanças que impedem a comparação com o ano anterior. Mas a parte crucial da *Retrato da Solidariedade* pode ser cotejada — justamente a que trata das OSCs: os resultados mostram que, considerando-se a margem de erro, não houve variação significativa no período: 58% doaram dinheiro, bem ou tempo em 2024, percentual muito semelhante ao de 2023 (57%).

Observando-se cada tipo de doação, nota-se que a de bens permaneceu no mesmo patamar, a de tempo (trabalho voluntário) teve pequena redução. Foram os repasses financeiros que mais variaram: um aumento de 27% para 32% entre 2023 e 2024, como mostra o Gráfico 2.

GRÁFICO 2

Doação para OSCs, por tipo de doação



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **2.545** 2024 | **2.568**

O que pode ter contribuído para o aumento das doações financeiras às OSCs?

As motivações para as pessoas reduzirem ou intensificarem suas doações são influenciadas por inúmeros fatores, nem todos facilmente identificáveis. Dois deles, captados na própria pesquisa, podem ajudar a traçar hipóteses sobre a variação de 2023 para 2024.

- **Enchentes no Rio Grande do Sul:**
  Elas marcaram o cenário de doações no Brasil em 2024, em razão do grande número de pessoas afetadas, da magnitude dos estragos materiais, da urgência das necessidades geradas e da intensa cobertura da mídia. O impacto foi tamanho que este relatório reserva uma seção especial ao tema (*leia mais na seção 5*).

- **Aumento da confiança**
  Esse foi um fenômeno captado pela pesquisa. Em 2023, a parcela que confiava nas OSCs era de 32%; em 2024, 36% — um percentual maior que o obtido pelos governos (18%) e próximo ao das instituições religiosas (44%)[7]. As organizações nacionais (35%) são mais bem-vistas que as internacionais (26%). Os dados da *Retrato da Solidariedade* indicam uma correlação entre doação e confiança nas OSCs: quem doa dinheiro, bens ou seu tempo para uma organização confia nela. Pesquisas internacionais confirmam esse comportamento, mas estimam que o nível de confiança explica apenas 5% da variação nas doações[8].

A alta na proporção de brasileiros que repassam dinheiro às OSCs ocorreu não só porque alguns que não faziam nenhum tipo de doação passaram a fazer: provavelmente, pessoas que já colaboravam de outras formas (doação de bens e/ou de tempo) também deram apoio financeiro. Em 2023, a menor parte (41%) de quem doava bens ou tempo também fazia doação financeira. Em 2024, o percentual subiu para 50%.

Doação: um tema ainda fora do radar

Embora quase um terço dos brasileiros tenha feito doação financeira para OSCs em 2024, o assunto geralmente permanece na esfera privada. Há, na *Retrato da Solidariedade*, duas indicações disso.

A maioria não conversa sobre o assunto A edição de 2023 já havia detectado essa tendência, e a de 2024 mostra que ela se acentuou. Dois terços dos brasileiros (66%) nunca conversam sobre doações para OSCs — no ano anterior, eram 62%. O percentual dos que às vezes conversam recuou (de 24% para 19%), e o dos que fazem isso com frequência manteve-se estável (de 13% para 14%). O resultado chama a atenção sobretudo porque o período analisado inclui eventos de forte

7 O padrão é o mesmo observado em pesquisas da Edelman Brasil e do Latinobarómetro. Ver detalhes nas Referências.

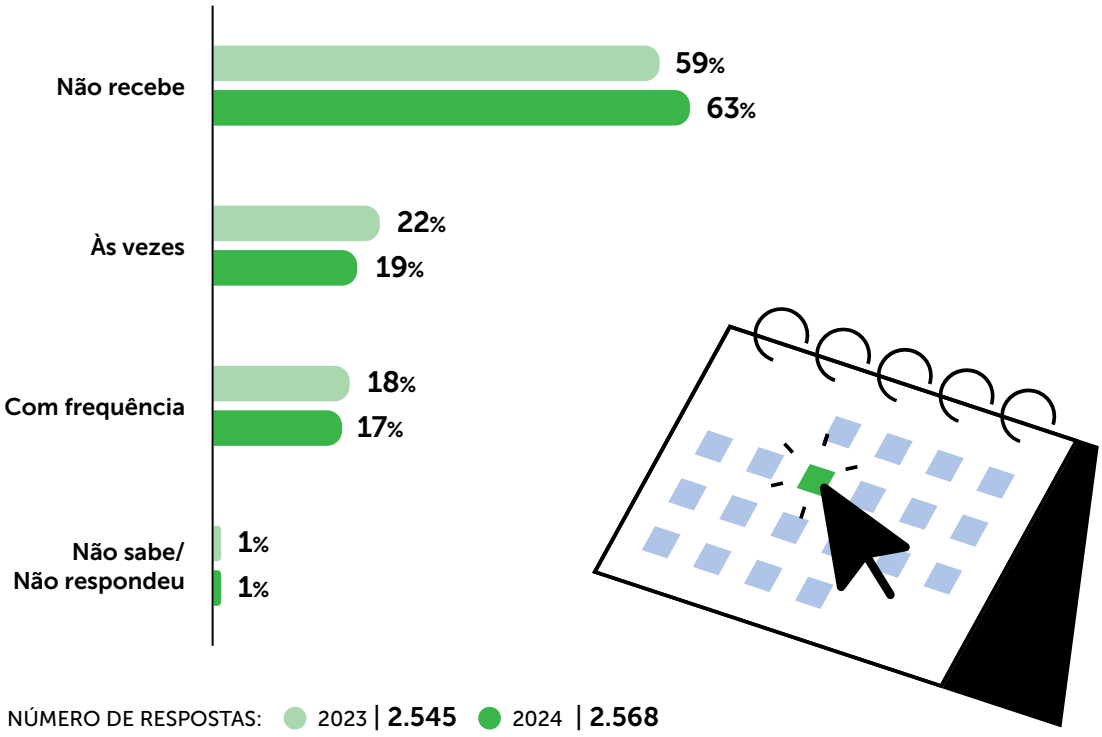
8 Sobre o tema, ver artigo de Cassandra M. Chapman, Matthew J. Hornsey e Nicole Gillespie. A referência completa está ao final deste relatório.

apelo emocional e ampla mobilização pública, como as enchentes no Rio Grande do Sul. Esperava-se que esses acontecimentos pudessem estimular um aumento nas conversas sobre doações e na circulação social do tema — potencialmente, influenciando comportamentos pró-sociais. Ou seja, mesmo em ocasiões de grande comoção nacional, a doação parece permanecer um ato individual, não verbalizado. Essa característica reduz o potencial de "contágio social" do comportamento doador.

A maioria não recebe pedidos de doação Novamente, trata-se de algo que havia despontado na pesquisa de 2023 e voltou a aparecer em 2024. Mesmo num contexto em que várias urgências sociais estavam sendo extensamente divulgadas pela mídia, a maior parte dos entrevistados não recebeu pedidos de doação, como mostra o Gráfico 3. Mergulhando mais nos dados, observa-se que, embora as faixas de menor renda sejam as menos abordadas pelas OSCs, houve uma queda expressiva entre os que ganham mais de 7 salários mínimos: 54% haviam recebido algum pedido em 2023, contra 46% em 2024. Esse movimento pode indicar um enfraquecimento da abordagem ativa a públicos com maior capacidade de dar contribuições financeiras — seja em razão de mudança de estratégia das organizações, seja por dificuldade de contatar esses segmentos de renda mais elevada.

GRÁFICO 3

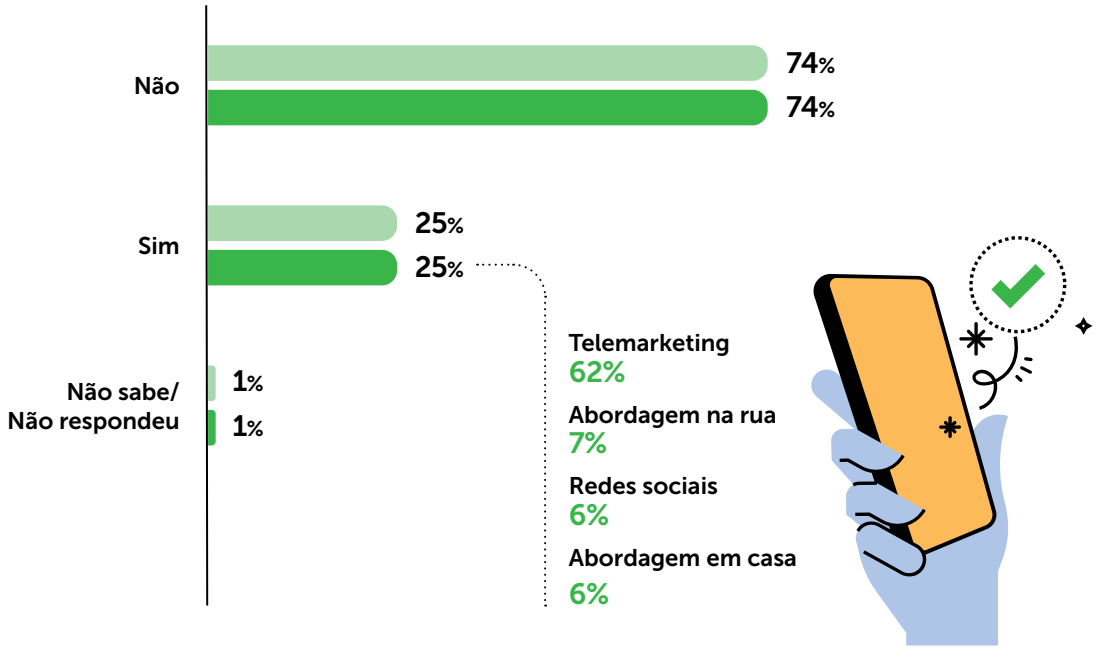
Frequência com que recebe pedidos de doações para OSCs



Embora menos gente esteja sendo abordada pelas OSCs, a maioria das pessoas contatadas não se incomoda. Mais uma vez, os resultados são reforçados pelas duas edições da pesquisa: tanto em 2023 quanto em 2024, **74% dos doadores não veem problemas em receber pedidos das organizações**.

GRÁFICO 4

Você se incomoda quando recebe pedidos de doação de OSCs?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **1.112** 2024 | **980**

Isso não significa que os pedidos nunca incomodem. Um quarto dos entrevistados se queixa — 25% tanto em 2023 quanto em 2024. E o campeão das reclamações, nos dois anos, é o mesmo: telemarketing.

A estabilidade das respostas sugere que, independentemente das mudanças no contexto ou nas abordagens, a percepção negativa está associada ao formato de solicitação. Possivelmente, portanto, o incômodo é menos circunstancial do que estrutural: estaria relacionado a insistências excessivas, abordagens invasivas ou à falta de personalização da mensagem. Isso serve de alerta para que as organizações ajustem suas estratégias, para reduzirem barreiras e preservarem o vínculo de confiança com potenciais doadores.

03

Doações financeiras para OSCs: quem faz, por que faz, como faz

A *Retrato da Solidariedade* identificou, como visto na seção anterior, que o único tipo de doação que cresceu de 2023 para 2024 foi a de recursos financeiros a organizações da sociedade civil (OSCs). Um olhar mais detido sobre os dados revela que esse incremento ocorreu em praticamente todos os grupos sociais e econômicos (*ver o Gráfico 5*). A dimensão das crises socioambientais do ano passado — escancaradas em textos e imagens divulgadas amplamente — colaborou para mobilizar boa parte da população. A fatia dos brasileiros que fizeram doações financeiras saltou de pouco mais de um quarto, em 2023, para quase um terço, em 2024.

O aumento se deu:

Tanto entre mulheres quanto entre homens: A alta, porém, foi mais acentuada entre eles. Se em 2023 as pessoas de sexo biológico feminino estavam visivelmente à frente, em 2024 a expansão maior entre pessoas de sexo biológico masculino deixou os dois grupos em patamar semelhante.

Tanto entre brancos quanto entre negros: As pessoas autodeclaradas brancas, em geral com renda maior do que a das autodeclaradas pretas e pardas, haviam doado mais em 2023. No ano passado, a distância entre os grupos se ampliou.

Em todas as faixas etárias: A pesquisa dividiu os entrevistados em cinco faixas etárias, a partir dos 18 anos. Em todas elas aumentou a fatia dos que fizeram repasses. Destacam-se os idosos (um avanço de 10 pontos percentuais) e os jovens adultos, de 25 a 34 anos. Nas duas edições, a menor porcentagem foi a dos jovens (18 a 24 anos), que em geral estão em estágios iniciais de carreira e ocupam vagas que pagam menos.

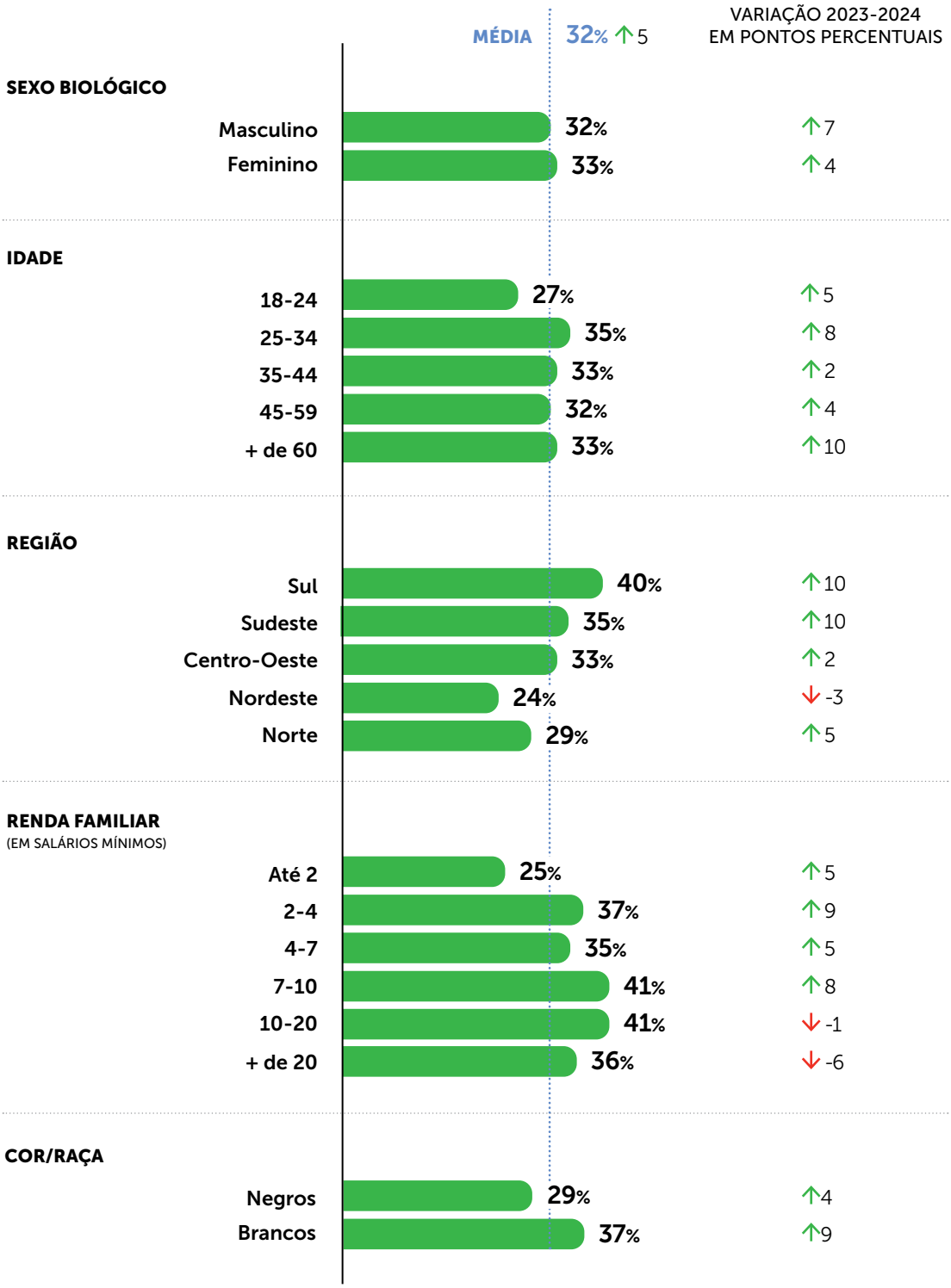
Em quase todas as regiões do Brasil: Os maiores avanços aconteceram nas áreas geograficamente mais próximas da tragédia socioclimática do Rio Grande do Sul: o Sudeste e o próprio Sul. Esta, aliás, tornou-se a região com maior proporção de doadores: dois em cada cinco moradores fizeram ao menos um repasse a OSCs em 2024. A expansão também foi significativa no Norte, em grande parte atingido por uma seca severa em 2024. No Centro-Oeste houve relativa estabilização. O Nordeste foi a única região em que o número de doadores encolheu.

Desastres socioambientais de 2024, como as enchentes do Rio Grande do Sul, ajudaram a aumentar doação

Em todas as classes de renda — com exceção das mais ricas: Os domicílios visitados foram divididos em seis faixas de renda familiar. Nas quatro mais baixas, a proporção de pessoas que deram apoio financeiro cresceu — em especial na de 2 a 4 salários mínimos, em que a expansão foi de 9 pontos percentuais. Nos dois estratos de maior renda, porém, o movimento foi diferente. Nos domicílios com renda de 10 a 20 salários mínimos, houve estagnação. No topo da pirâmide (mais de 20 salários mínimos), um recuo — de 42% para 36%.

GRÁFICO 5

Quem doou dinheiro para OSCs em 2024



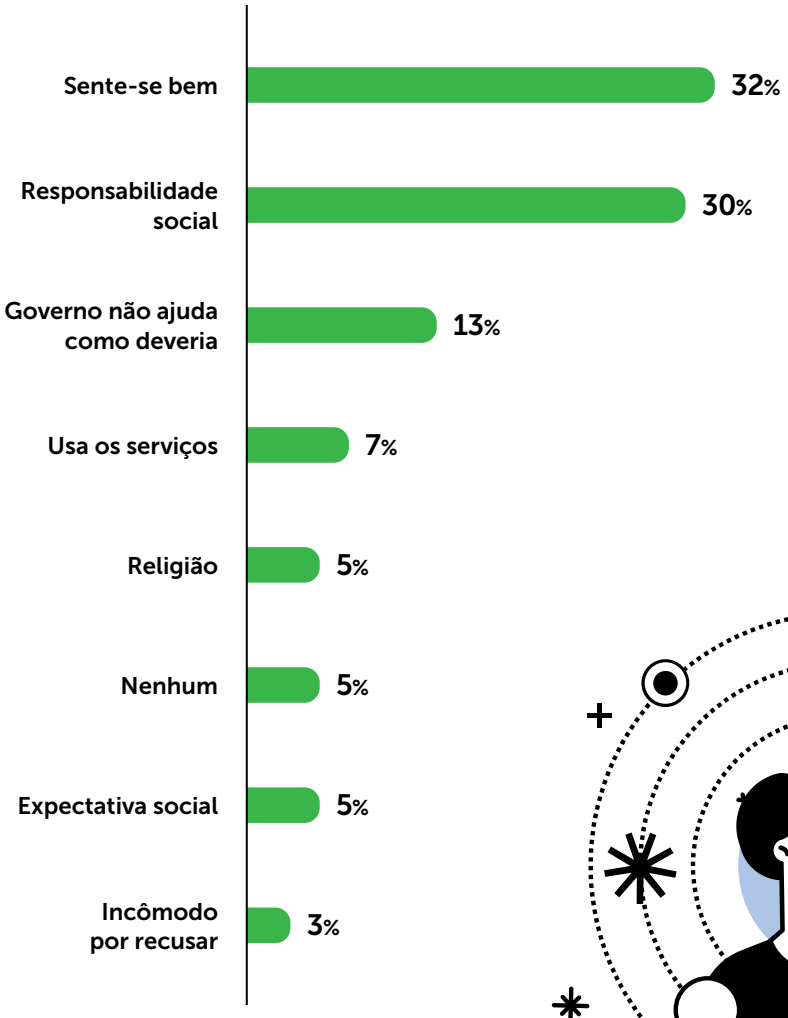
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.545** (2023) | **2.568** (2024)

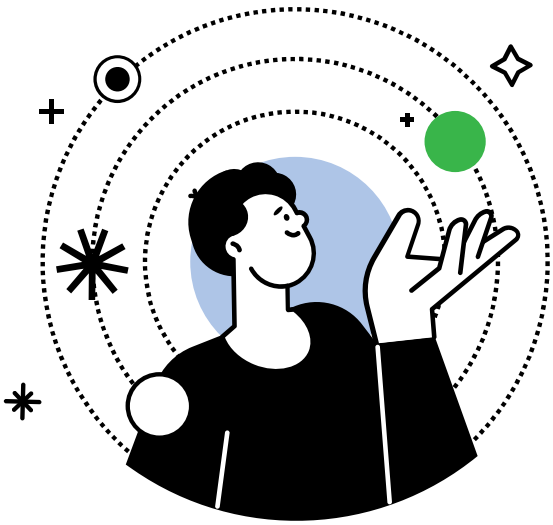
Por que os brasileiros fazem doação financeira?

Embora mais brasileiros tenham passado a ajudar financeiramente as entidades, os motivos citados para doar são do mesmo tipo dos observados em 2023. As principais razões continuam ligadas a sentimentos individuais (sentir-se bem, principalmente) e dever social (responsabilidade social), como mostra o Gráfico 6.

GRÁFICO 6

Principal motivo para ter doado dinheiro para uma OSC em 2024





NÚMERO DE RESPOSTAS: **842**

As principais mudanças entre 2023 e 2024 ocorreram possivelmente em razão da introdução de mais alternativas, de forma a aperfeiçoar a questão. Uma das categorias incluídas em 2024 foi "O governo não ajuda como deveria", escolhida por 13% dos respondentes — isso pode ter levado menos entrevistados a citar "Responsabilidade social", antes o motivo mais mencionado (40%), agora o segundo (30%). É possível que muitos dos que selecionaram a nova opção compartilhem uma visão próxima à de responsabilidade subsidiária, ou seja, sentem-se chamados a doar porque percebem uma lacuna na atuação do Estado.

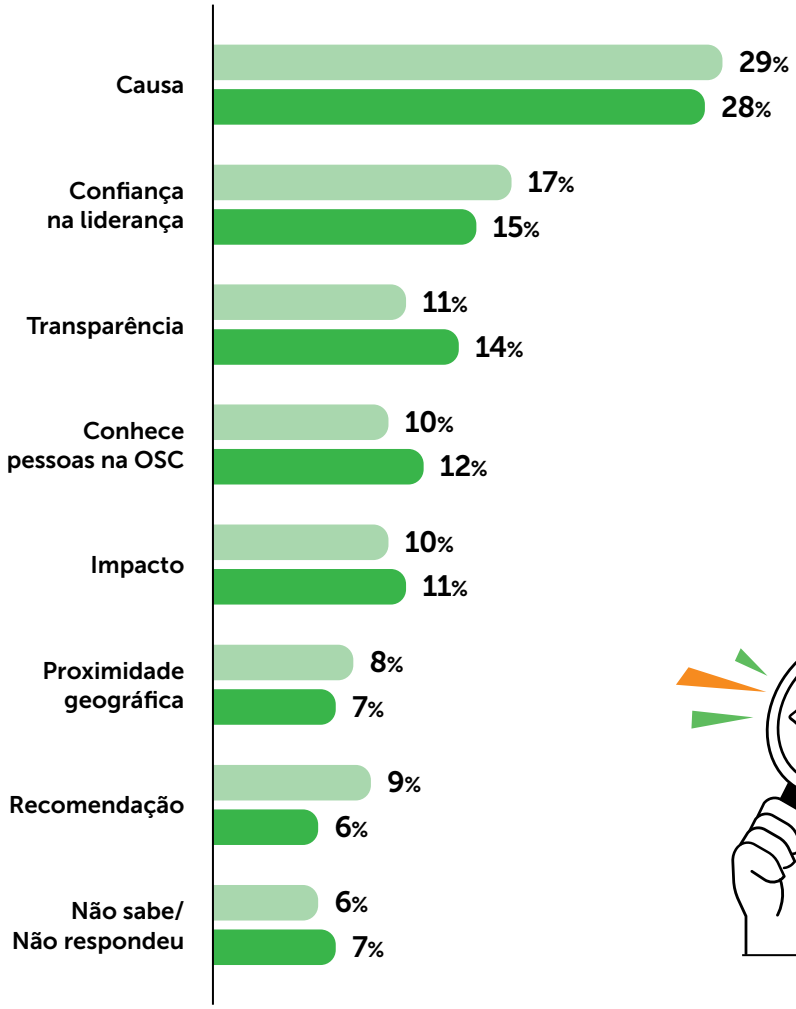
Outro item novo teve número significativo de menções: 7% destinam recursos porque usam serviços das instituições; em 2023, 3% haviam citado "Benefícios futuros", uma motivação também relacionada a reciprocidade. As demais respostas — como motivação religiosa, expectativa social ou incômodo por recusar — mantiveram-se estáveis, em patamares pequenos.

Como o brasileiro escolhe qual OSC vai apoiar?

Além de verificar por que as pessoas doam dinheiro, a pesquisa investiga como elas decidem em qual organização vão investir. Os resultados de 2023 e 2024 são similares, o que sugere que os critérios estão razoavelmente cristalizados. O principal é a causa defendida pela OSC — alternativa que variou apenas dentro da margem de erro entre os dois anos (29% e 28%, como indica o Gráfico 7).

GRÁFICO 7

Principal critério para decidir para qual OSC vai doar



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **828** 2024 | **842**

O conjunto de dados fornece ao menos quatro pistas às organizações:

- **Não há um único fator decisivo:** A resposta mais citada (Causa) não atinge um terço das menções. Embora diversos elementos influenciem a decisão, nenhum deles, isolado, tem peso realmente determinante.

- **Causa é o mais relevante:** A identificação com o propósito da organização conta mais do que aspectos operacionais ou estruturais.

- **A confiança importa:** Como visto na seção anterior, os brasileiros estão confiando mais nas OSCs, o que pode ter contribuído para o crescimento das doações financeiras em 2024. O sentimento envolve a liderança (15%), a familiaridade com colaboradores das organizações (12%) e um fator estreitamente ligado a credibilidade: a transparência (14%). Essa dimensão revela a importância, nas organizações, de figuras de referência e do capital simbólico de quem as conduz — aspectos especialmente relevantes em eventuais momentos em que a confiança nas OSCs seja baixa.

- **Proximidade também tem peso:** Um quarto das respostas sugere grande importância a um certo grau de proximidade, seja geográfica (7%), seja pessoal — conhece alguém que atua na OSC (12%) ou que a recomenda (6%).

A estabilidade das respostas em 2023 e 2024 deixa claro, então, que muitos critérios influenciam a decisão de quem fez aportes, e que o principal é a causa com que a organização trabalha[9]. É fundamental, portanto, saber quais são as causas que mais mobilizam. A *Retrato da Solidariedade* apresentou sete aos entrevistados. O Gráfico 8 aponta que as prioridades são temas mais ligados a vulnerabilidades imediatas, como combate à fome, assistência social e saúde.

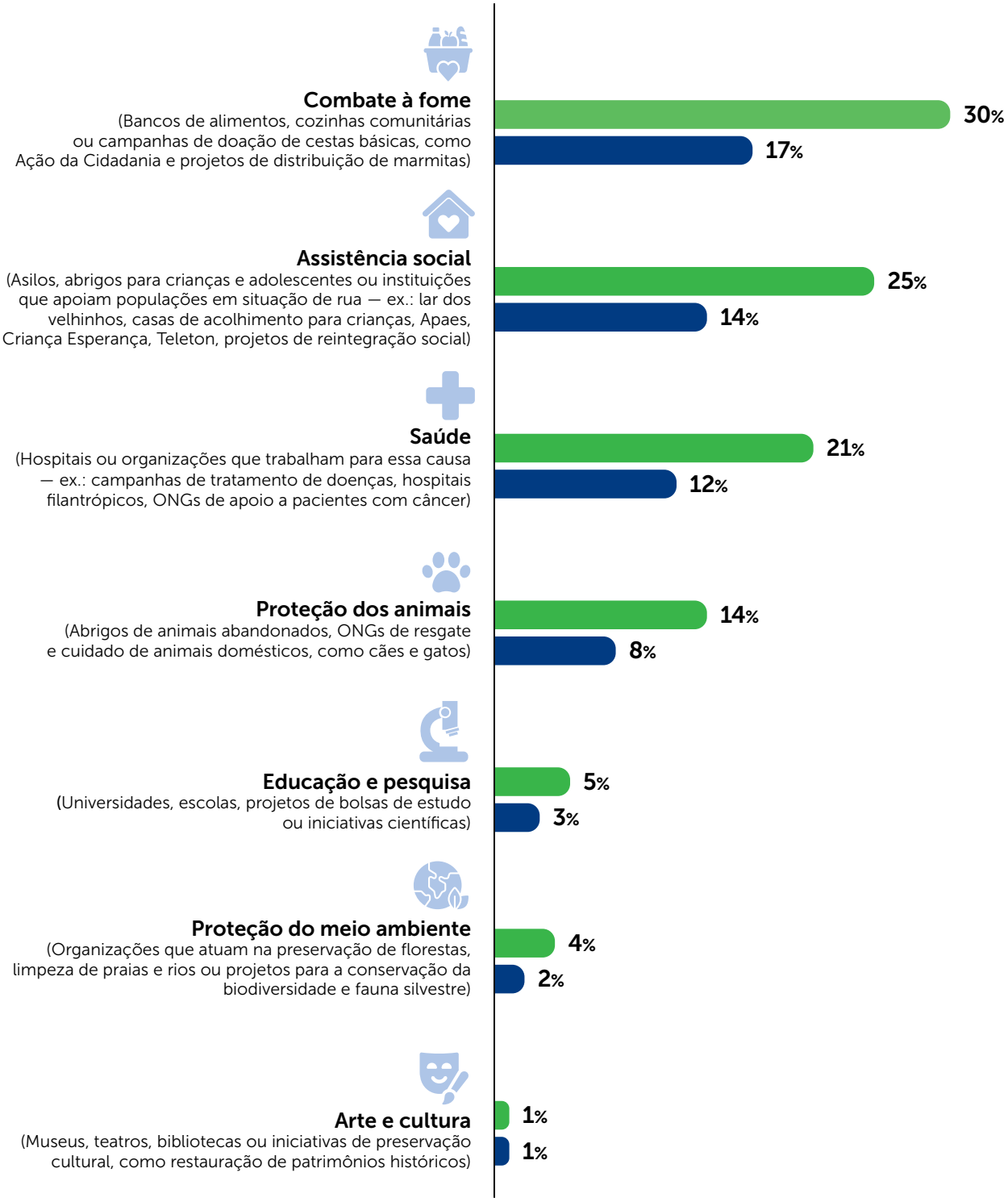
Por outro lado, causas estruturantes, cruciais para mudanças de médio e longo prazo — como educação, meio ambiente e cultura — são pouco mencionadas. Os resultados sugerem que o engajamento ainda está muito atrelado ao caráter emergencial e à resposta rápida a crises.

A categoria proteção dos animais domésticos ocupa uma posição intermediária entre as causas emergenciais e as estruturais. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no apoio às diversas causas pelos vários perfis socioeconômicos (homens e mulheres, mais pobres e mais ricos etc.).

9 Sobre a importância das causas na doação no Brasil, ver o artigo "Evaluating Donor Preferences in Middle-Income Countries: A Conjoint Survey Experiment in Brazil", de Flávio Pinheiro e Gustavo Araujo. A referência completa está ao final deste relatório.

GRÁFICO 8

Causas para as quais os entrevistados deram apoio financeiro em 2024



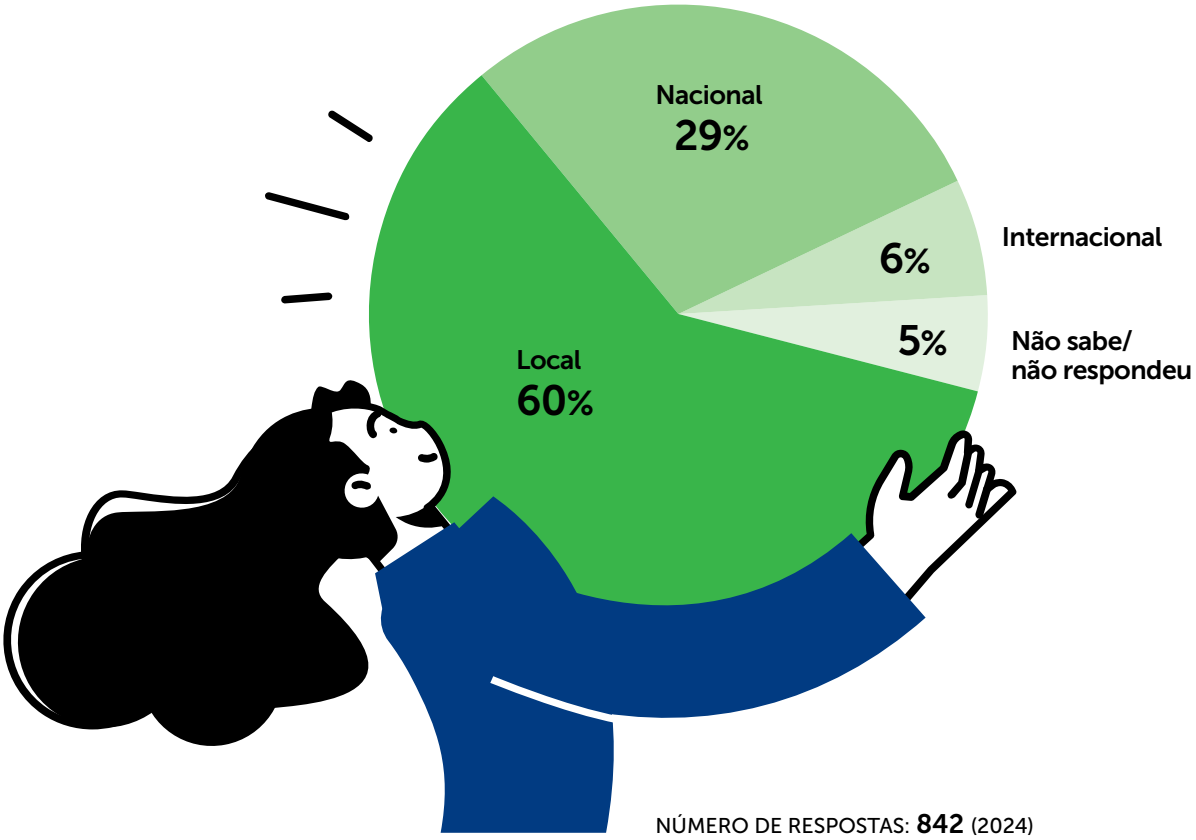
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.568**

A pesquisa dá detalhes também sobre outro critério mencionado anteriormente, a proximidade. A maioria (60%) das pessoas que contribuem financeiramente com as organizações prefere as que atuam em nível local (cidade ou bairro do entrevistado), como mostra o Gráfico 9. Isso significa, quase sempre, apoio a OSCs de menor porte. Parece prevalecer uma percepção de que organizações comunitárias são mais efetivas, têm capacidade de atender as demandas de maneira ágil e personalizada.

O resultado tem relação direta com as causas mais defendidas: organizações com atuação local tendem a ser mais flexíveis e mais rápidas nas respostas a situações emergenciais, como crises alimentares, desastres naturais e crises sanitárias. Parece haver uma confiança na capacidade dessas organizações de menor porte de atuarem como pontes diretas entre os recursos doados e as populações mais afetadas.

GRÁFICO 9

A maioria das doações em dinheiro para OSCs foi direcionada a organizações que têm projetos ou atuam no nível:

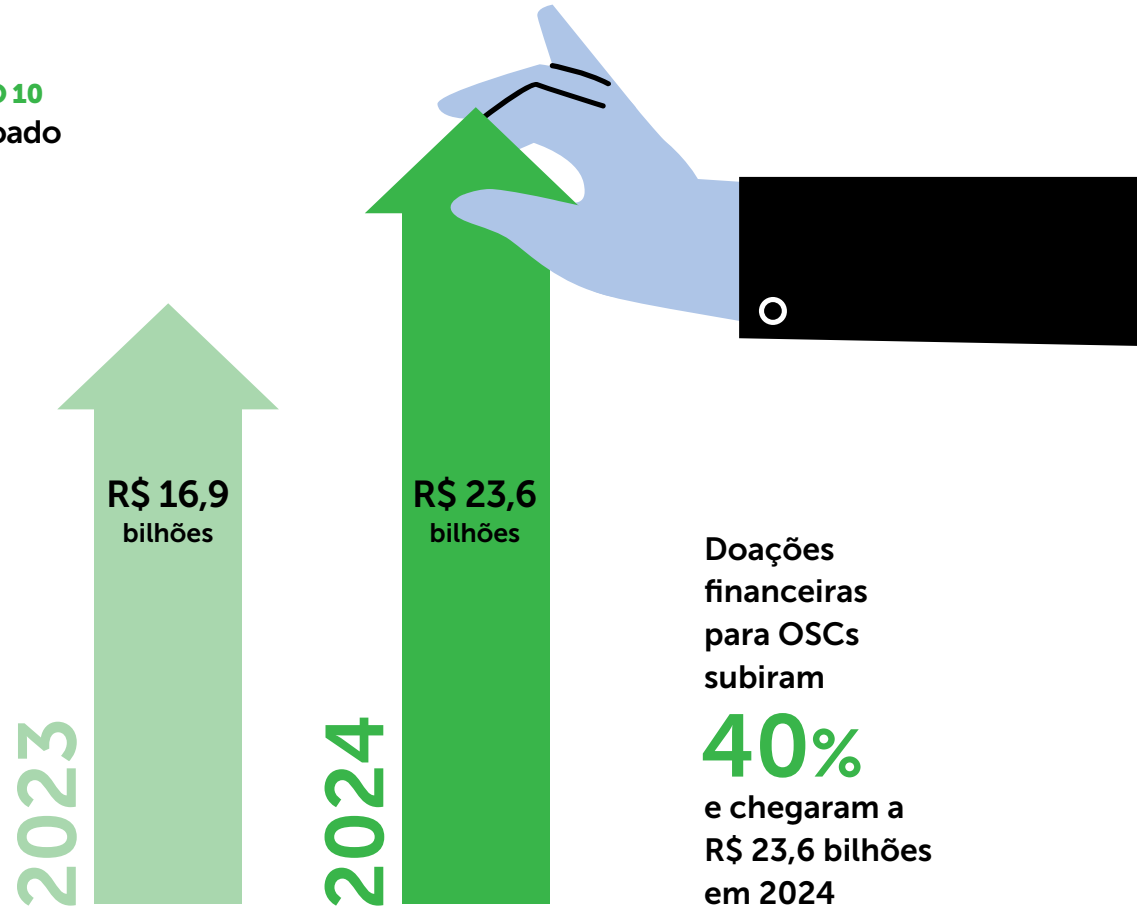


NÚMERO DE RESPOSTAS: **842** (2024)

Quanto o brasileiro doa para OSCs?

A estimativa da *Retrato da Solidariedade* é de que, em 2024, as doações financeiras dos indivíduos para organizações da sociedade civil passaram de R$ 16,9 bilhões[10], em 2023, para R$ 23,6 bilhões, em 2024 — um salto de 40%, bem superior ao aumento do número de doadores no período (18%). Essa alta demonstra que houve uma mobilização relevante, especialmente em função de crises emergenciais, o que resultou em um aumento no número de doadores.

GRÁFICO 10
Total doado



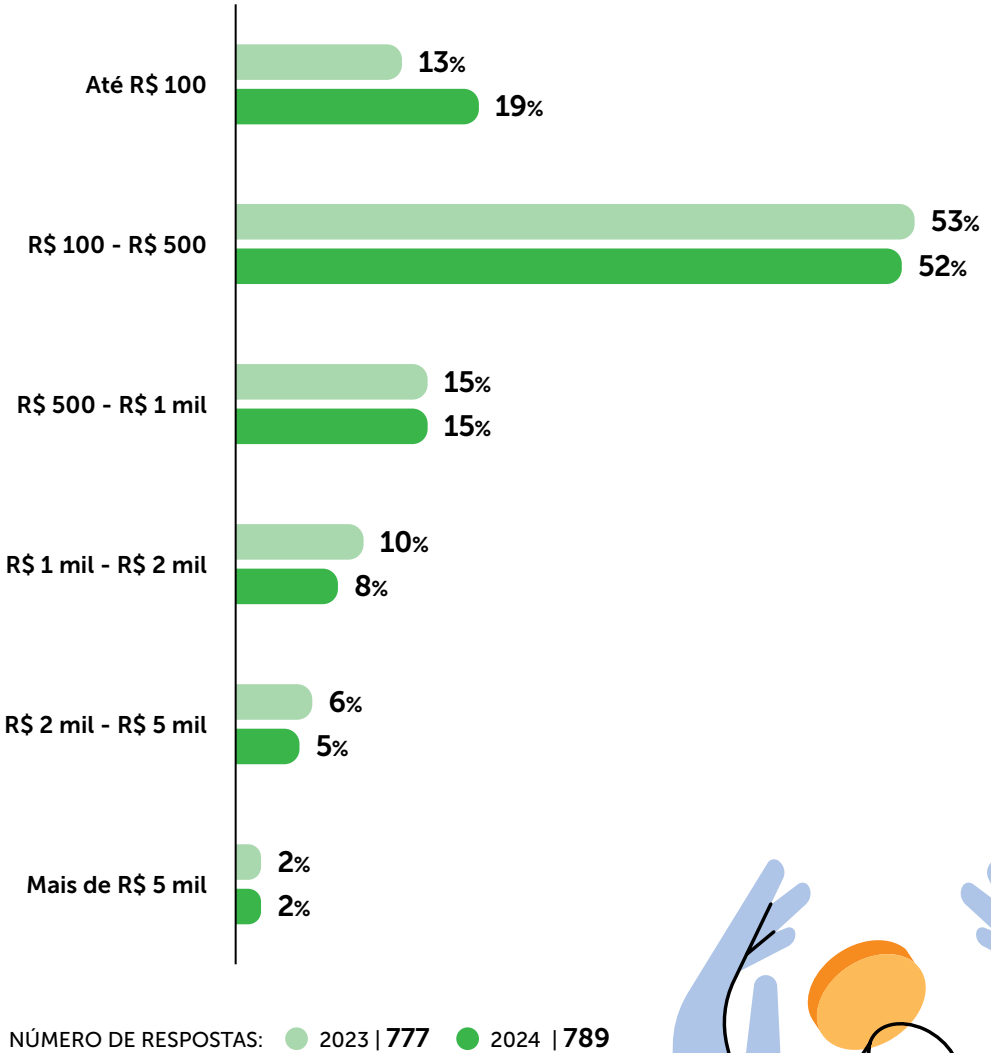
Como proporção do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todos os bens e serviços produzidos no ano), as contribuições aumentaram de 0,16% para 0,20% — um percentual inferior ao encontrado em países de alta renda, como Estados Unidos, Holanda e Reino Unido, e próximo ao de alguns países em desenvolvimento (embora haja poucos dados robustos para se fazer uma comparação precisa).

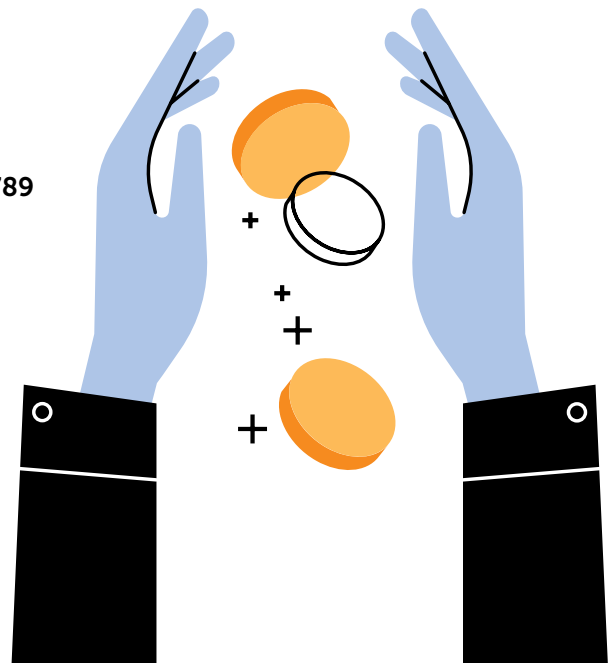
10 Todos os valores citados neste relatório foram corrigidos pela inflação e atualizados para junho de 2025.

As quantias doadas também cresceram. O valor mediano — ou seja, aquele que divide os 50% que menos doaram dos 50% que mais doaram — subiu 15%: de R$ 260 ao ano, em 2023, para R$ 300 em 2024. Ao mesmo tempo, a faixa que mais se ampliou foi a mais baixa, de até R$ 100 — as outras tiveram pouca variação, conforme o Gráfico 11. A maior parte das pessoas contribuiu com cifras que variam de mais de R$ 100 a R$ 500 ao ano.

GRÁFICO 11

Distribuição das doações, por faixa de valor anual



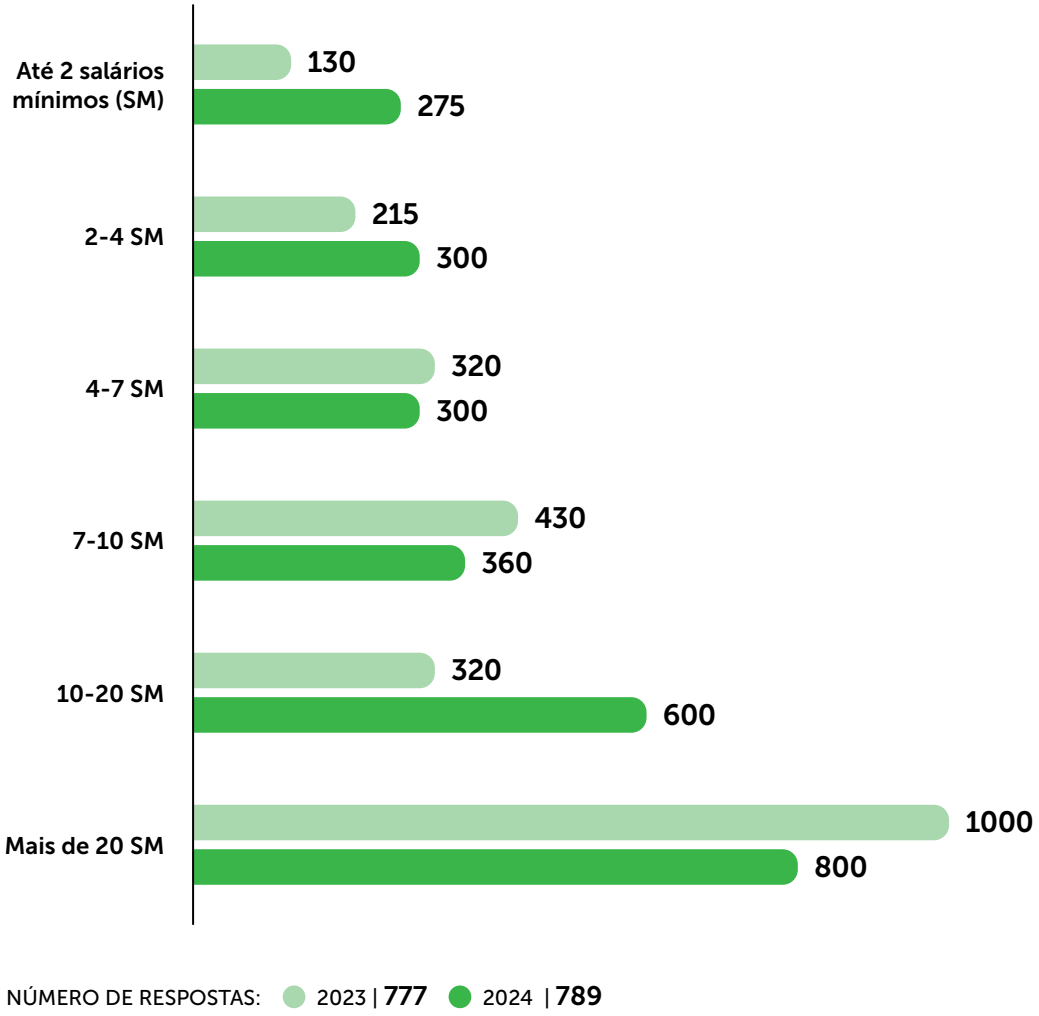


O aumento do valor mediano não foi uniforme. Os indivíduos de renda familiar menor (até 4 salários mínimos) intensificaram seus aportes — entre os domicílios que recebem até 2 salários mínimos mensais, por exemplo, a cifra mais que dobrou: de R$ 130, em 2023, para R$ 275, em 2024. Esse resultado pode sinalizar um possível esforço de maior engajamento por parte desse público, possivelmente influenciado por campanhas específicas ou pela maior visibilidade de algumas causas no período.

Nas faixas intermediárias, a quantia teve pequena queda, possivelmente associada a oscilações na renda ou priorização de outras formas de apoio. Já nas duas mais altas os comportamentos foram opostos. Entre os que têm renda familiar mensal de 10 a 20 salários mínimos, o valor mediano passou de R$ 320 para R$ 600; os que ganham acima de 20 salários mínimos doaram menos em 2024 (queda de R$ 1.000 para R$ 800).

GRÁFICO 12

Mediana do valor doado, por categorias de renda (em salários mínimos)



A pesquisa mostra também que, em proporção à renda, os mais pobres doam mais. Isso já havia sido captado em 2023, e se repetiu em 2024 (*ver o Gráfico 13*). À medida que se sobe na escala econômica, a proporção tende a diminuir, a ponto de alcançar os menores percentuais ou na faixa de 10 a 20 salários mínimos (como ocorreu em 2024) ou acima de 20 salários mínimos (como ocorreu em 2023). No ano passado, apenas os indivíduos da faixa de até 4 salários mínimos destinaram mais de 1,5% de sua renda para OSCs. Os dados reforçam a ideia de que, proporcionalmente, os mais pobres destinam uma fração maior de sua renda às organizações da sociedade civil, enquanto os mais ricos contribuem com proporções menores.

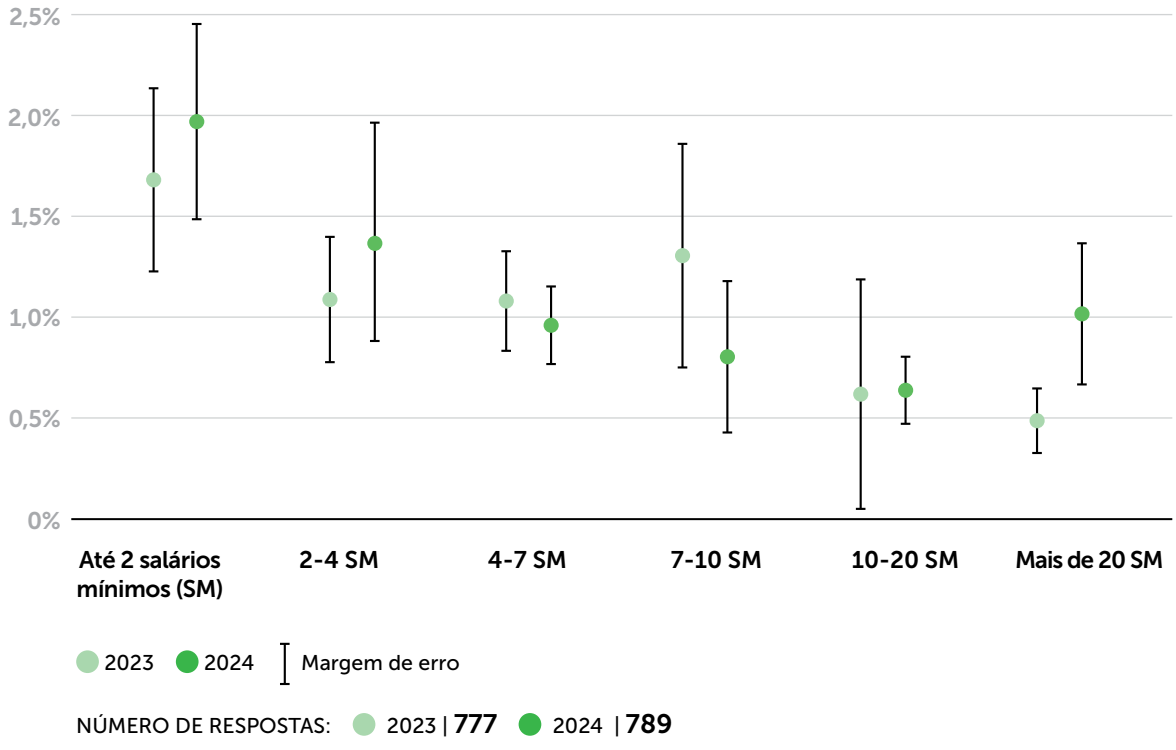
Entre 2023 e 2024, as faixas mais baixas de renda aumentaram um pouco a parcela que reservam às doações. Nos grupos intermediários, houve leve recuo. Nas faixas de maior rendimento, ligeiro crescimento.

Parte da explicação para essa distribuição pode estar no lado da demanda: é possível que as entidades, em suas estratégias de mobilização, estejam tratando de maneira parecida os diferentes segmentos, aproveitando de modo limitado o potencial dos grupos de maior renda.

GRÁFICO 13

Proporção da renda dos doadores destinada a OSCs

(por grupos de rendimento familiar)



METODOLOGIA PARA CÁLCULO DOS VALORES

Doação como proporção do PIB

A estimativa é feita a partir da divisão da população em dez faixas de renda, verificando-se a participação de cada faixa na população. Em cada faixa, calcula-se a média do valor doado. Somando os resultados das dez faixas, obtém-se o valor médio que cada adulto brasileiro (com mais de 18 anos) doa, levando em conta o peso relativo de cada grupo de renda. Esse valor médio é então multiplicado por 160 milhões — estimativa do IBGE para o número de adultos no país[11] —, resultando no total doado pela população. Por fim, esse total é dividido pelo PIB brasileiro (R$ 10,9 trilhões em 2023 e R$ 11,7 trilhões em 2024), para se chegar à proporção total do valor doado em relação ao PIB.

Para reduzir o impacto de casos extremos que distorçam a média, foi aplicada uma técnica chamada winsorização. Por meio dela, os valores do 1% mais alto em cada faixa foram ajustados para o valor logo abaixo (o do 99º percentil).

Conversão de variáveis

Algumas variáveis coletadas como faixas de valores foram convertidas em números para permitir os cálculos. Nesses casos, usou-se como valor o ponto médio entre o limite inferior e o limite superior da faixa. Por exemplo: se a renda familiar de um indivíduo estivesse entre R$ 5.648 e R$ 7.060, foi considerado o valor médio de R$ 6.354. Na primeira faixa (até R$ 1.412), que não tem um limite inferior, usou-se o limite superior (os próprios R$ 1.412). Na última faixa, que não tem um limite superior, foram adicionados 20% ao valor do primeiro limite para chegar ao ponto médio (R$ 33.888).

Critério de exclusão

Para medir melhor as doações financeiras para OSCs, a pesquisa adotou dois critérios de exclusão (aplicados também aos resultados de 2023):

- R$ 30 (US$ 5) por ano foi estipulado como limite mínimo de valor doado.
- Casos de doações monetárias a OSCs que ultrapassam 20% da renda do indivíduo foram excluídos, para assegurar consistência entre a renda e a doação declarada.

11 Os dados são das Projeções da População do IBGE: https://tinyurl.com/2rt8fjfc

Com que regularidade o brasileiro faz doações financeiras?

A pesquisa classifica os doadores em duas categorias, segundo a regularidade de sua contribuição às OSCs:

- **Doador recorrente** — faz pagamentos programados para uma mesma organização, em intervalos pré-definidos (mensal, trimestral, anual...) e usando meios como cartão de crédito, débito em conta ou boleto bancário.

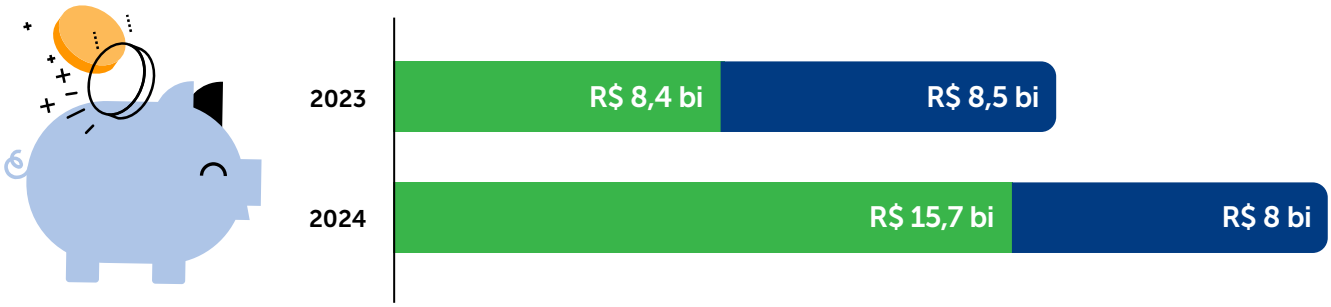
- **Doador pontual** — faz pagamentos avulsos, sem programação.

De 2023 para 2024, a parcela de pontuais subiu 41%: passou de 17% para 24% dos brasileiros. Como proporção dos doadores, eles eram 62% e chegaram a 76%, como mostra o Gráfico 15. Esse aumento, que teve influência direta na expansão do volume aportado no ano passado (*ver Gráfico 14*), está relacionado às catástrofes socioambientais que marcaram o período, com destaque para as enchentes do Rio Grande do Sul. Situações emergenciais como essas têm grande impacto na atração de doações imediatas, ainda que não sustentadas ao longo do tempo.

Já o grupo dos recorrentes encolheu um pouco, de 11% para 8%. O resultado, com potencial de enfraquecer a previsibilidade de financiamento para as OSCs, pode estar ligado às incertezas do cenário macroeconômico, sinalizadas pela queda, ao longo de 2024, do Índice de Confiança do Consumidor (ICC) e da Intenção de Consumo das Famílias (ICF)[12].

GRÁFICO 14

Total doado, por tipo de doador



NÚMERO DE RESPOSTAS: **828** (2023) | **842** (2024)

12 Os dados do Índice de Confiança do Consumidor podem ser conferidos em https://tinyurl.com/myhtrzb; os da Intenção de Consumo das Famílias, em https://tinyurl.com/yc6w28ab. Ver mais detalhes nas Referências.

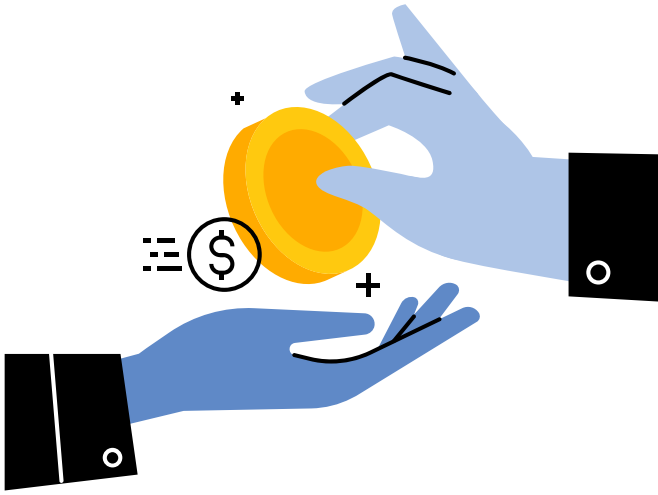
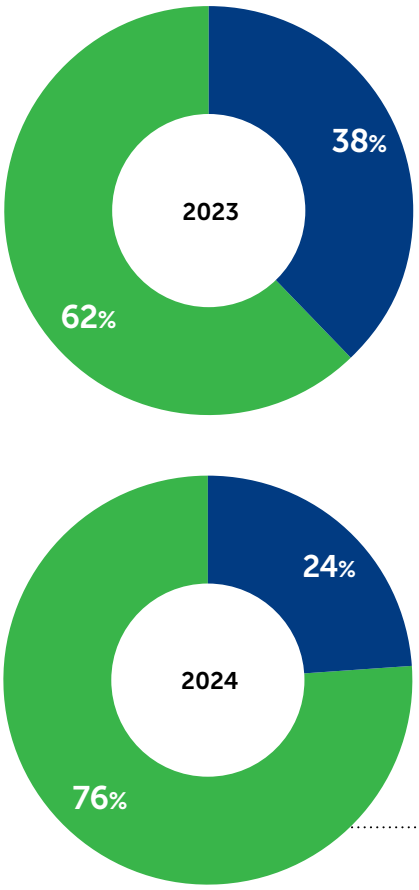


GRÁFICO 15

Doadores de dinheiro para OSCs, por regularidade da contribuição



O QUE FARIA SE TORNAR DOADOR RECORRENTE?

Aumento da renda
21%

Conhecer impacto dos projetos
16%

Confiança na liderança
14%

Transparência
8%

Receber pedido da OSC
5%

OSC ser próxima ao local de moradia
4%

Outros
12%

Não sabe/não respondeu
21%

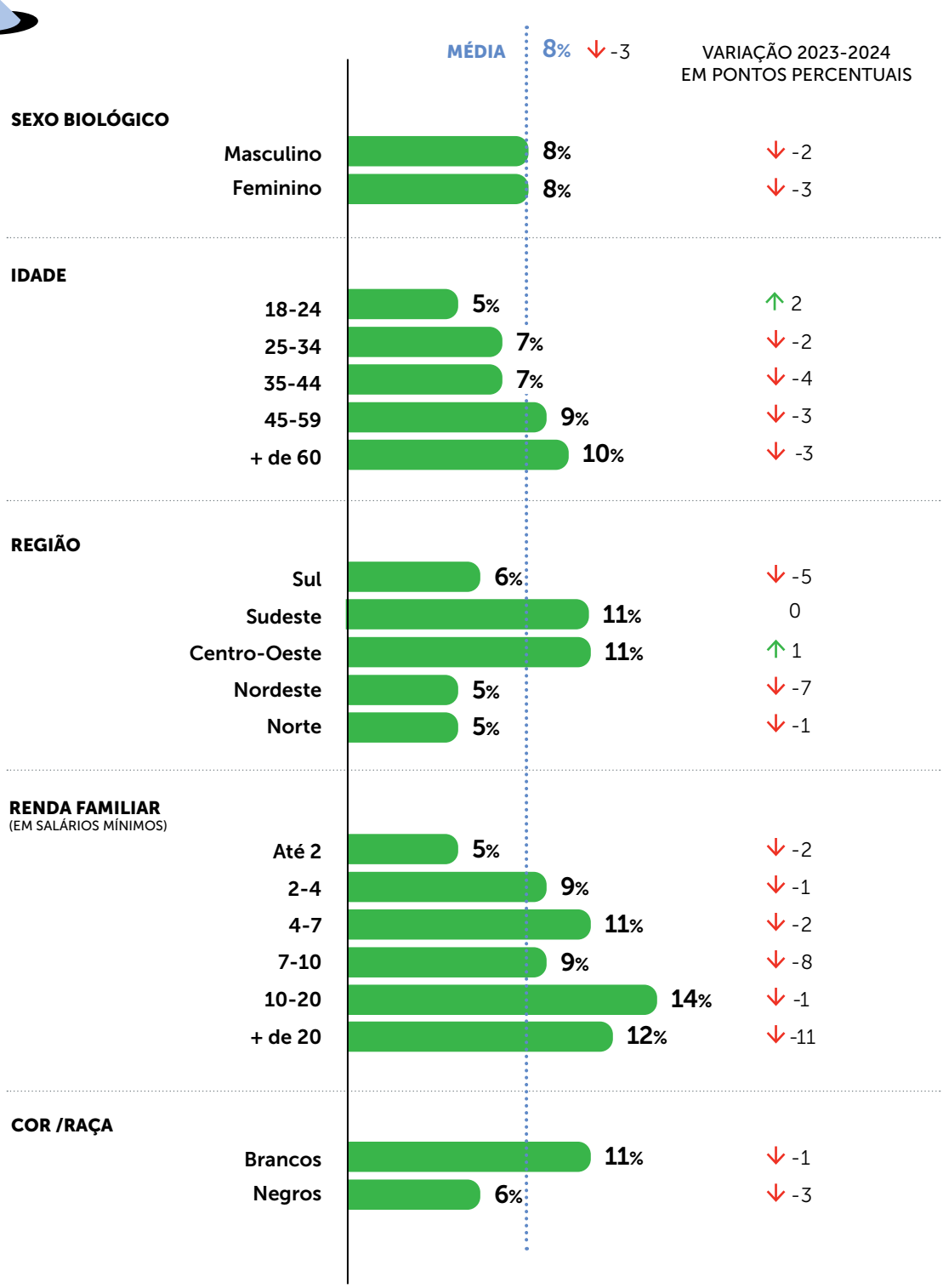
● **Recorrente** ● **Pontual**

NÚMERO DE RESPOSTAS: **828** (2023) | **842** (2024)

O encolhimento da parcela que faz repasse financeiro recorrente foi registrado na grande maioria das faixas socioeconômicas — tanto entre pessoas do sexo masculino quanto feminino, em todas as categorias de cor/raça, em todos os grupos religiosos e todos os estratos de renda (com recuo maior nas famílias de mais de 20 salários mínimos). Nas faixas etárias, só não houve recuo entre os jovens. Entre as regiões, a retração mais expressiva ocorreu no Sul e no Nordeste (*ver o Gráfico 16*).

GRÁFICO 16

Perfil do doador recorrente, por variáveis selecionadas



NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.545** (2023) | **2.568** (2024)

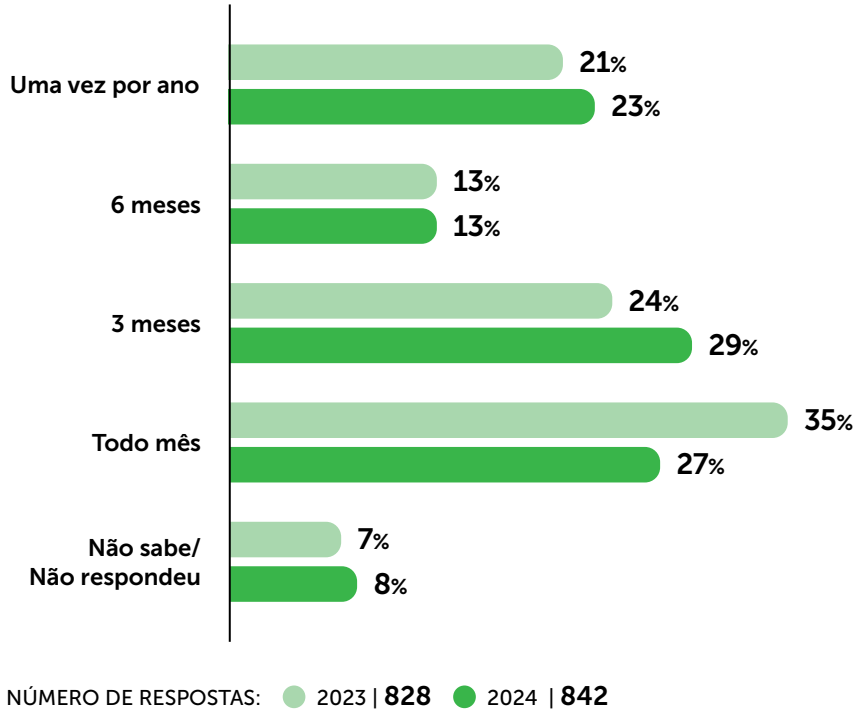
O termo recorrência, neste relatório, está ligado à contribuição programada para uma ou mais organizações específicas, por meio de cartão de crédito, boleto ou débito em conta. A *Retrato da Solidariedade* explora ainda outra característica, a frequência da doação (não necessariamente programada, não necessariamente para a mesma OSC). E, assim como houve diminuição de doadores recorrentes, houve também leve retração na regularidade das contribuições. A fatia dos que dão apoio mensal caiu de 35%, em 2023, para 27%, em 2024 — um movimento possivelmente associado a fatores macroeconômicos ou ao perfil heterogêneo dos doadores do ano passado (maior proporção de famílias de baixa renda, mais repasses pontuais).

Já os apoios espaçados cresceram: o percentual dos que afirmam doar a cada três meses subiu de 24% para 29%, o dos que doam uma vez ao ano, de 21% para 23%. Isso pode indicar uma ampliação da base de contribuintes mais esporádicos, perfil que costuma ser mais sensível a campanhas e sazonalidades.

Dois grupos mantiveram-se estáveis. Um, o que doa a cada seis meses (13%), algo que pode sugerir a existência de um conjunto consolidado, ainda que minoritário, de doadores regulares. Outro, o que não sabe ou não respondeu (7-8%), indicando uma margem de incerteza relevante, possivelmente associada à informalidade na prática de doar.

GRÁFICO 17

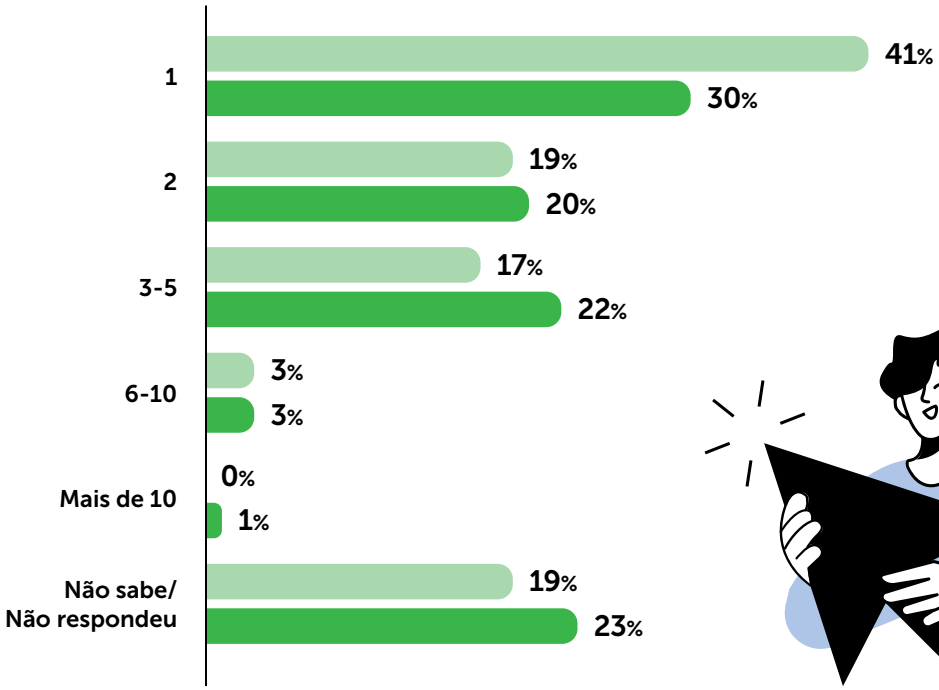
Frequência com que fez doações em dinheiro para OSCs

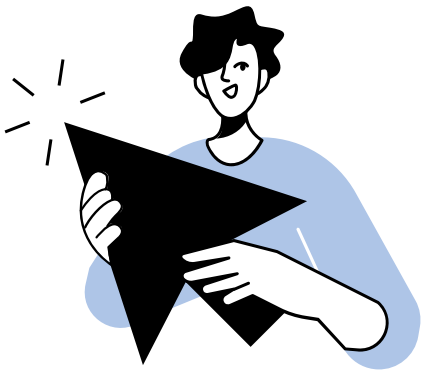


Quantas organizações o brasileiro apoia — e como faz a contribuição?

A maior parte faz doação financeira a uma única instituição, mas isso perdeu um pouco de força. Em 2023, 41% só apoiaram uma; em 2024, 30%. Já os que contribuíram com 3 a 5 passaram de 17% para 22%; os que indicaram duas organizações, de 19% para 20%, como evidencia o Gráfico 18.

GRÁFICO 18
Para quantas OSCs fez doação financeira





NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **828** 2024 | **842**

Na maioria das vezes, os repasses são feitos em dinheiro — o pagamento em espécie já era o mais relevante em 2023, e ampliou sua fatia em 2024. Provavelmente, essa dinâmica está ligada ao fato de grande parte das doações ser feita a instituições locais e a causas em que predominam organizações menores, talvez informais.

Depois do dinheiro, o mais usado é o Pix, que vem se firmando como meio dominante na economia brasileira: 76% da população já o utiliza, uma proporção superior à do cartão de débito (69%), do dinheiro em espécie (68%) e do cartão de crédito (51%), segundo o Banco Central[13]. Além disso, começam a se difundir algumas variantes, como Pix Recorrente e Pix Automático, que permitem pagamentos fixos ou variáveis programados.

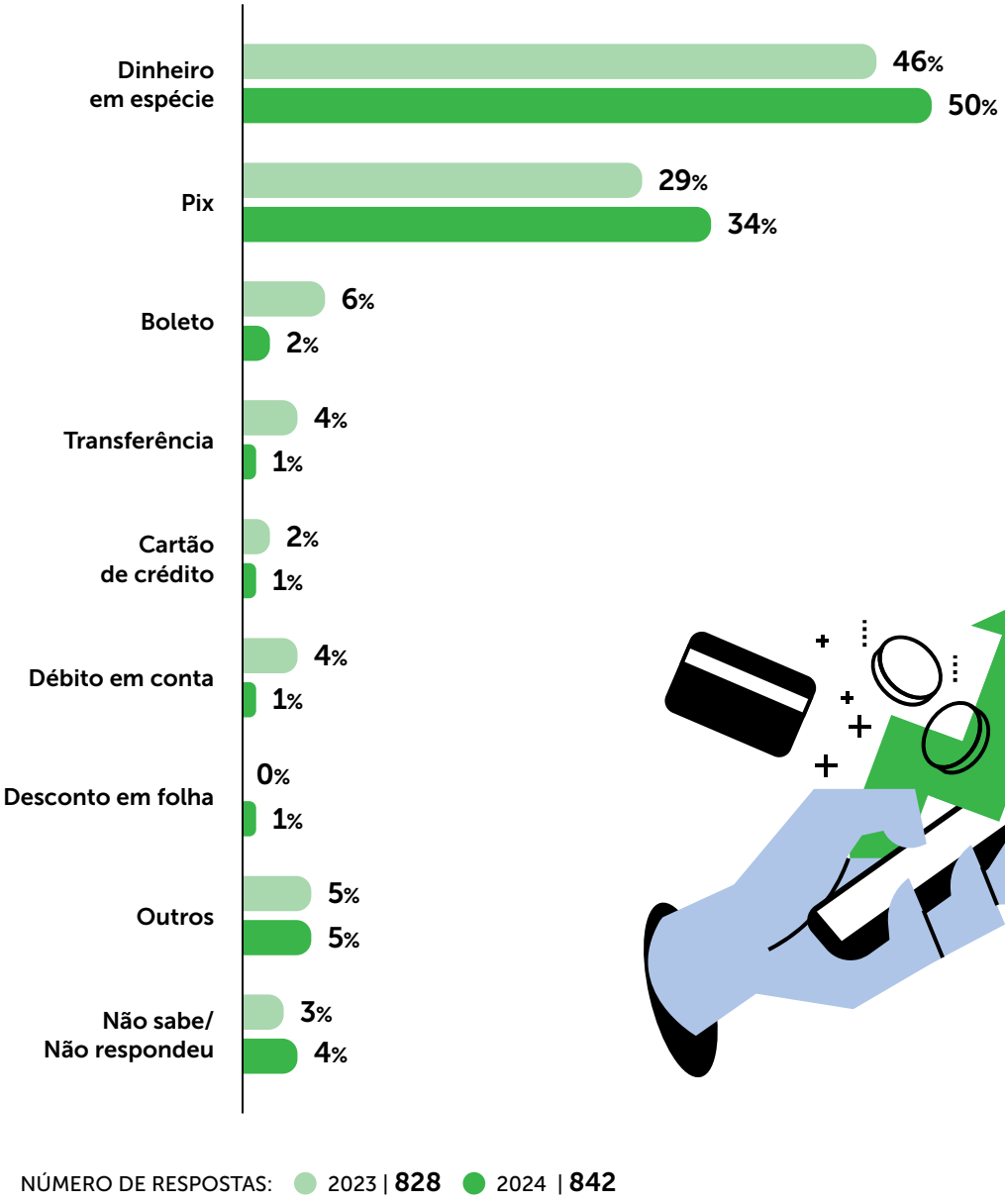
13 Os dados estão em uma nota do Banco Central: https://tinyurl.com/4hpb2hkc. Ver detalhes nas Referências.

Nas contribuições às OSCs, o Pix é o mais frequente para 34% dos doadores (um crescimento em comparação a 2023, conforme o Gráfico 19). Meios tradicionais, como boletos, débito em conta e cartões, recuaram.

Para o terceiro setor, as novas modalidades do Pix podem baixar custos de transação, facilitar aportes de pequeno valor e, talvez, fortalecer a recorrência. Mas o progressivo abandono de meios consolidados de doações regulares (como boletos ou cartão de crédito) pode levar incertezas a algumas organizações.

GRÁFICO 19

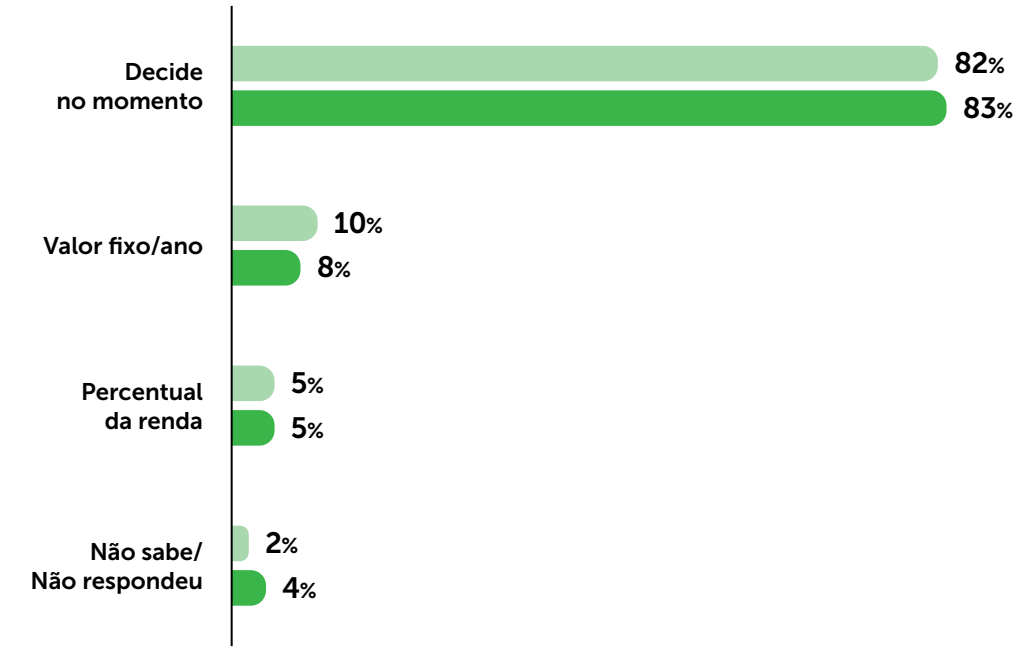
Meio de pagamento mais frequente para fazer doações



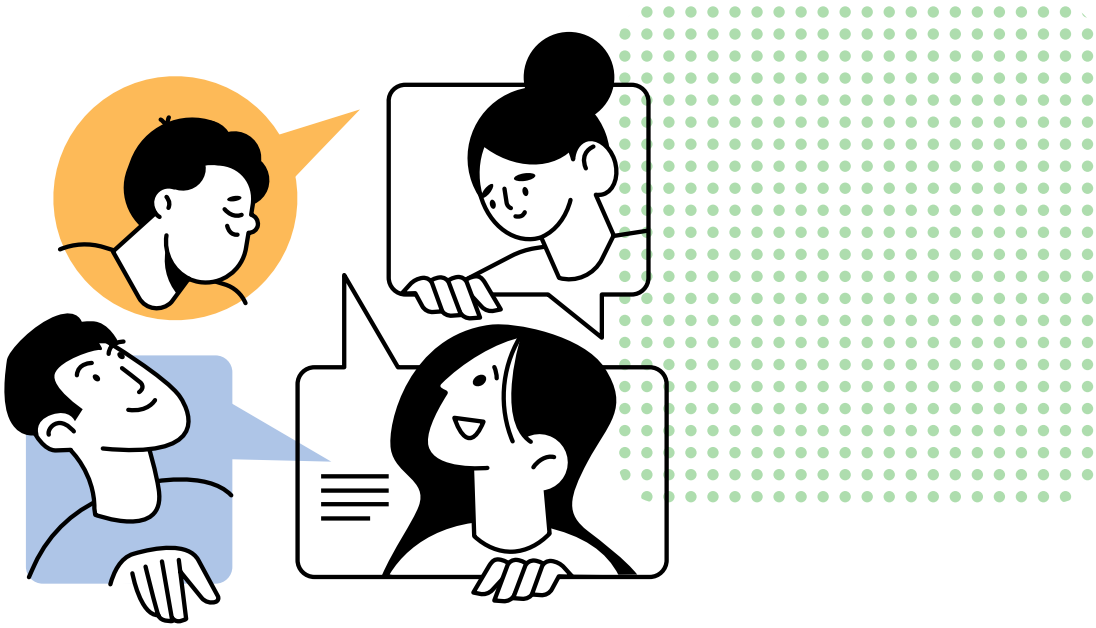
A predominância de meios que favorecem pagamentos não planejados (dinheiro, Pix) vai ao encontro de outra característica observada nas duas edições da pesquisa: a grande maioria (83% em 2024) determina o valor da doação no momento em que vai dar a ajuda, sem planejamento prévio. Poucos reservam um valor anual (8%) ou um percentual da renda (5%), o que reforça o caráter espontâneo da doação, possivelmente influenciado por fatores conjunturais ou apelos pontuais.

GRÁFICO 20

Como você se planeja para fazer doações para OSCs?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **828** 2024 | **842**



Quais canais mais estimulam a doar?

Os resultados das duas edições apontam que, para mais da metade dos doadores, a principal influência é a recomendação de familiares e amigos (*ver o Gráfico 21*). Isso sugere que a escolha por apoiar uma entidade baseia-se, em grande medida, nas redes pessoais — seja em razão da importância da confiança interpessoal, seja pela carência de informações sobre OSCs em canais mais formais.

O levantamento mostra que cresceu a relevância de canais baseados em contato pessoal: arredondamento da compra/troco (salto de 41% para 46%) e abordagem na rua (de 28% para 34%). São formas mais comuns em interações espontâneas do cotidiano urbano que podem ter ampliado seu alcance em 2024 — em oposição aos canais mais impessoais de captação.

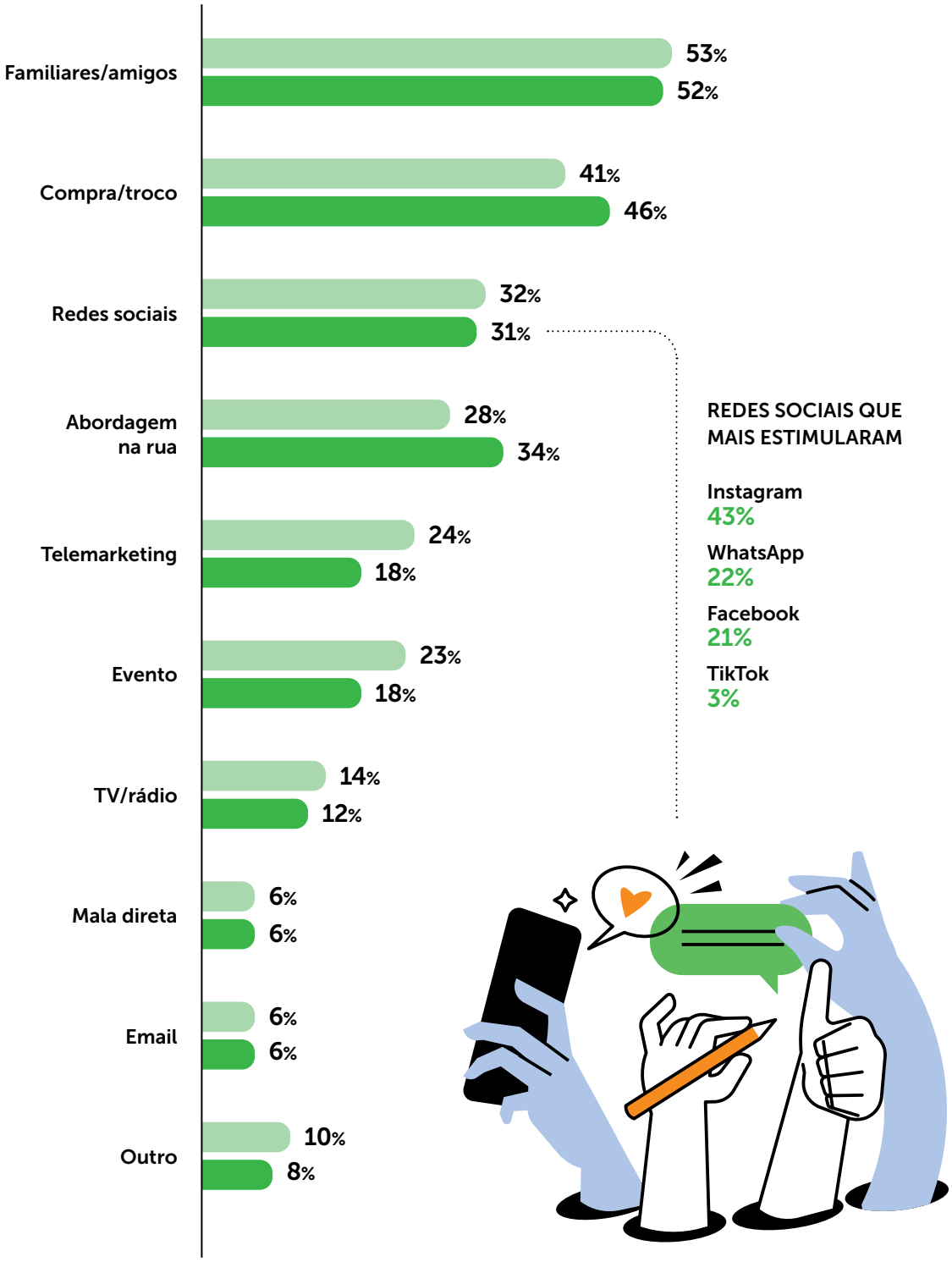
Já a influência de eventos e de TV/rádio caiu um pouco. O recuo maior foi do telemarketing (de 24%, em 2023, para 18% em 2024), possivelmente devido ao desgaste do canal, à saturação de abordagens comerciais por telefone ou à preferência por formas de interação mais diretas ou digitais.

O estímulo proveniente das redes sociais mostrou-se relevante, mas estável (32% para 31%). O Instagram parece continuar a ser a plataforma mais importante para campanhas visuais e de curta duração, com apelo emocional e alcance orgânico relativamente alto. O Facebook vem perdendo força e já é alcançado pelo WhatsApp. Outras redes, como TikTok, Telegram, YouTube e Twitter/X, mantêm baixos percentuais de influência direta.

Os dados deixam claro que nem toda rede social é igualmente propícia à conversão em comportamento doador. O estímulo por esse tipo de meio não é homogêneo: depende da relevância e do uso que se faz das plataformas.

GRÁFICO 21

Opções que mais estimularam a doar dinheiro para OSCs



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **828** 2024 | **842**

Os motivos de quem não doa para OSCs

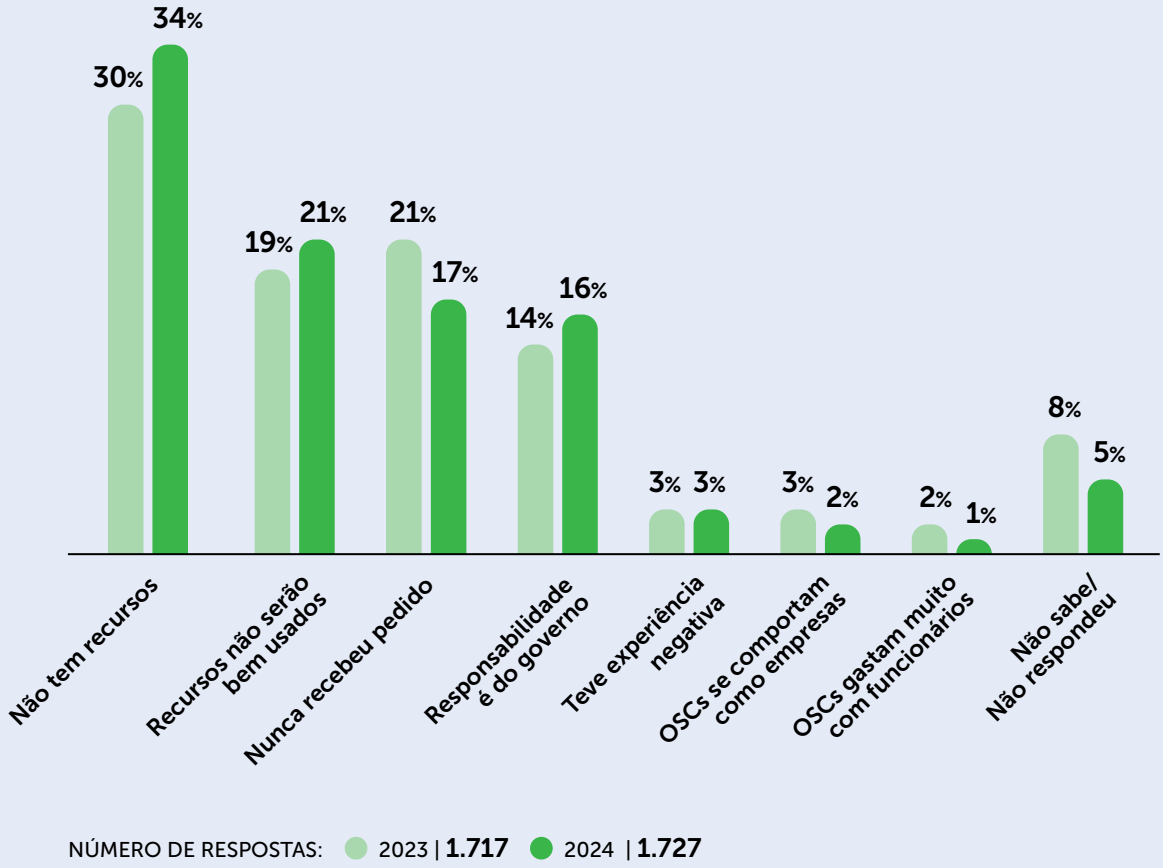
Quais as principais dificuldades para ampliar a base de doadores das entidades brasileiras? A *Retrato da Solidariedade* fez algumas perguntas a quem não doou, para tentar identificar as barreiras fundamentais. O obstáculo mais citado é a falta de recursos — já era assim em 2023 (30%), continuou em 2024, em nível um pouco maior (34%).

O segundo motivo é a desconfiança sobre o uso dos recursos — um aspecto já relevante na primeira edição (19%), com leve aumento no ano passado (21%). O dado reforça a importância, para reduzir essa barreira, de ser transparente e de comunicar como são usados os recursos recebidos.

Também mostram-se relevantes fatores como nunca ter recebido pedido de doação (21% em 2023, 17% em 2024) e avaliar que a responsabilidade de atender as necessidades sociais é do governo (14% em 2023, 16% em 2024). Outros motivos minoritários variaram pouco nos últimos dois anos.

GRÁFICO 22

Principal motivo para não ter doado dinheiro para OSCs



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | **1.717** 2024 | **1.727**

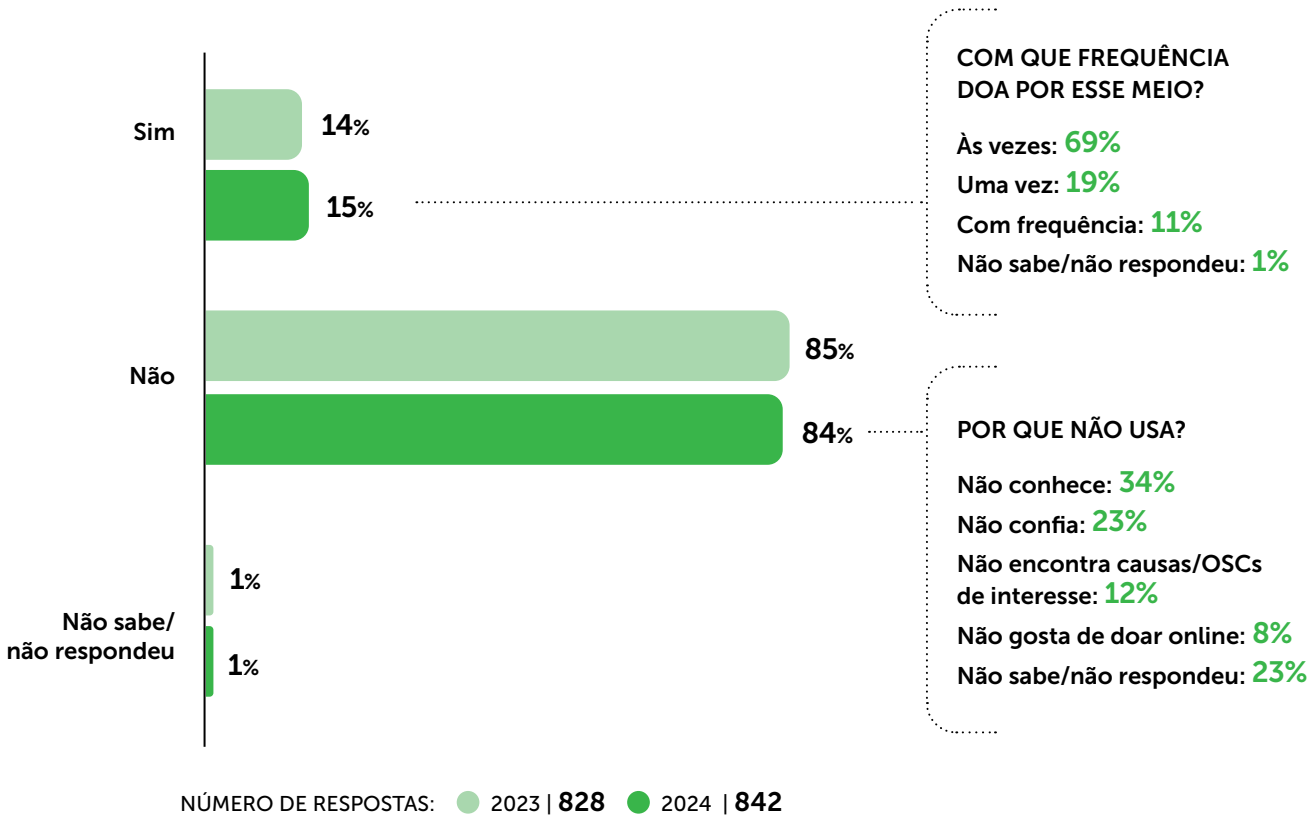
Quantos brasileiros aderem a outras formas de doação financeira?

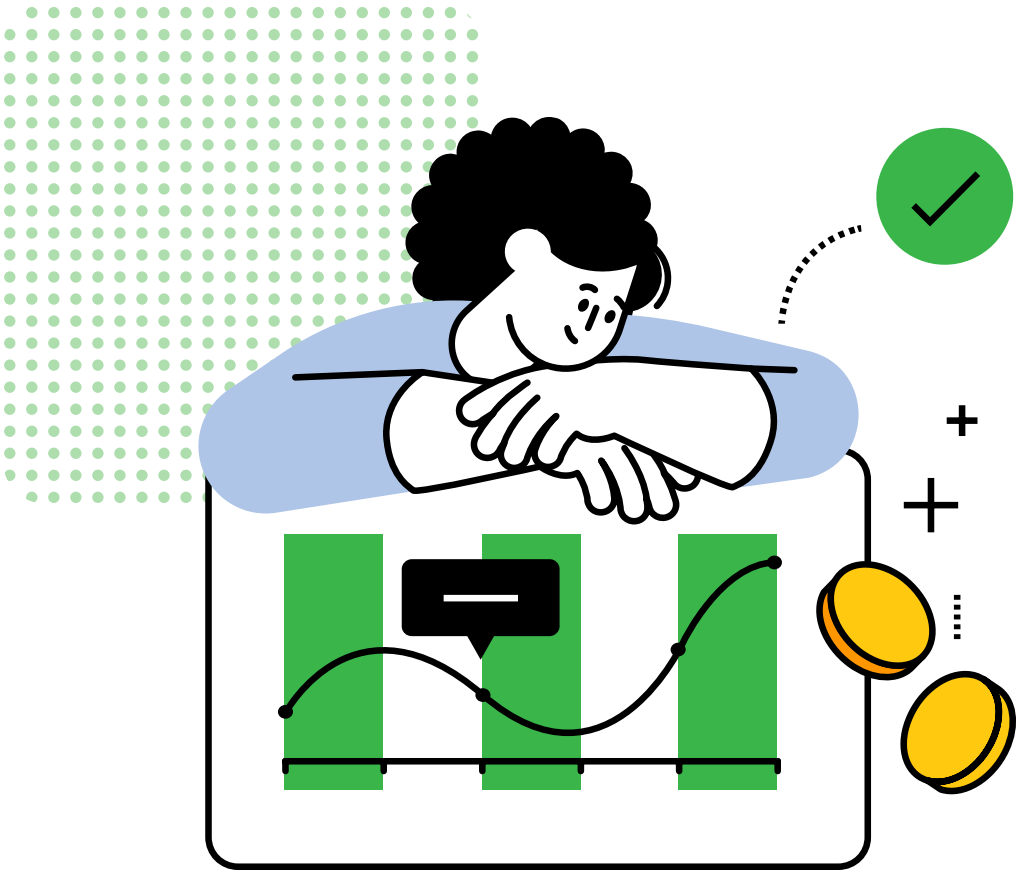
Duas alternativas relevantes de engajamento, com potencial de ampliar recursos para as OSCs, são pouco usadas pelos brasileiros. A *Retrato da Solidariedade* mostra que, tanto em 2023 quanto em 2024, uma pequena parcela dos entrevistados disse ter recorrido a plataformas de financiamento coletivo (*crowdfunding*) para doar — e quem o fez quase sempre usou de modo esporádico (*ver Gráfico 23*). Esse comportamento indica que tais ferramentas são vistas mais como resposta a campanhas ou causas específicas do que como um canal regular de contribuição.

E por que tão poucos utilizam esse meio? Boa parte diz não conhecer essa opção, outros não confiam ou não encontram, nas plataformas, causas ou organizações com que se identificam. As respostas sugerem que as ferramentas poderiam ganhar mais adeptos a partir de estratégias de comunicação e educação sobre como funcionam, reforçando a segurança e os benefícios de doar por meio digital.

GRÁFICO 23

Doou para OSCs por meio de plataforma de financiamento coletivo?





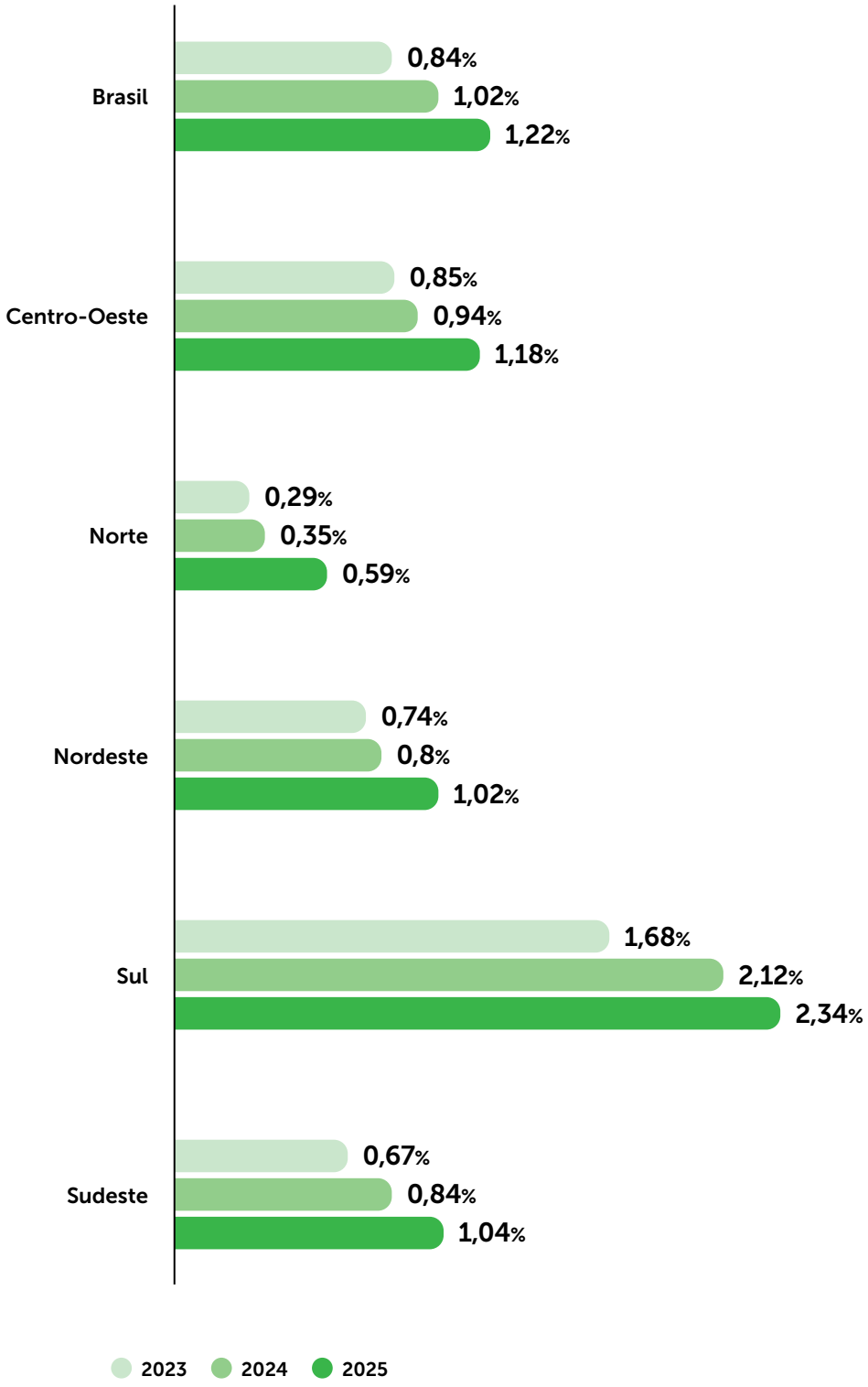
Outra alternativa pouco usada é a doação via declaração do Imposto de Renda, que, no modelo completo, permite destinar parte do tributo para os fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente e para os fundos dos Direitos da Pessoa Idosa.

Ainda que pequena, a parcela dos que utilizam esse meio vem se ampliando. De acordo com a Receita Federal, entre 2023 e 2025, o percentual de contribuintes que declarou no modelo completo e optou por doar passou de 0,84% para 1,22% (*ver Gráfico 24*). O aumento — registrado em todas as regiões brasileiras (embora em proporções distintas) — se deve não apenas ao incremento no total de contribuintes, mas também a um maior conhecimento e a uma maior adesão ao mecanismo.

O valor repassado por meio da declaração subiu expressivamente: de R$ 281,7 milhões, em 2023, para R$ 414,0 milhões, em 2025. Os dados da Receita Federal indicam que parte dessa alta vem de contribuintes que destinam montantes pequenos — um reflexo, possivelmente, da entrada gradual de pessoas de rendimento relativamente menor no universo de doadores via Imposto de Renda.

GRÁFICO 24

Percentual de contribuintes que doam por meio da declaração do IR



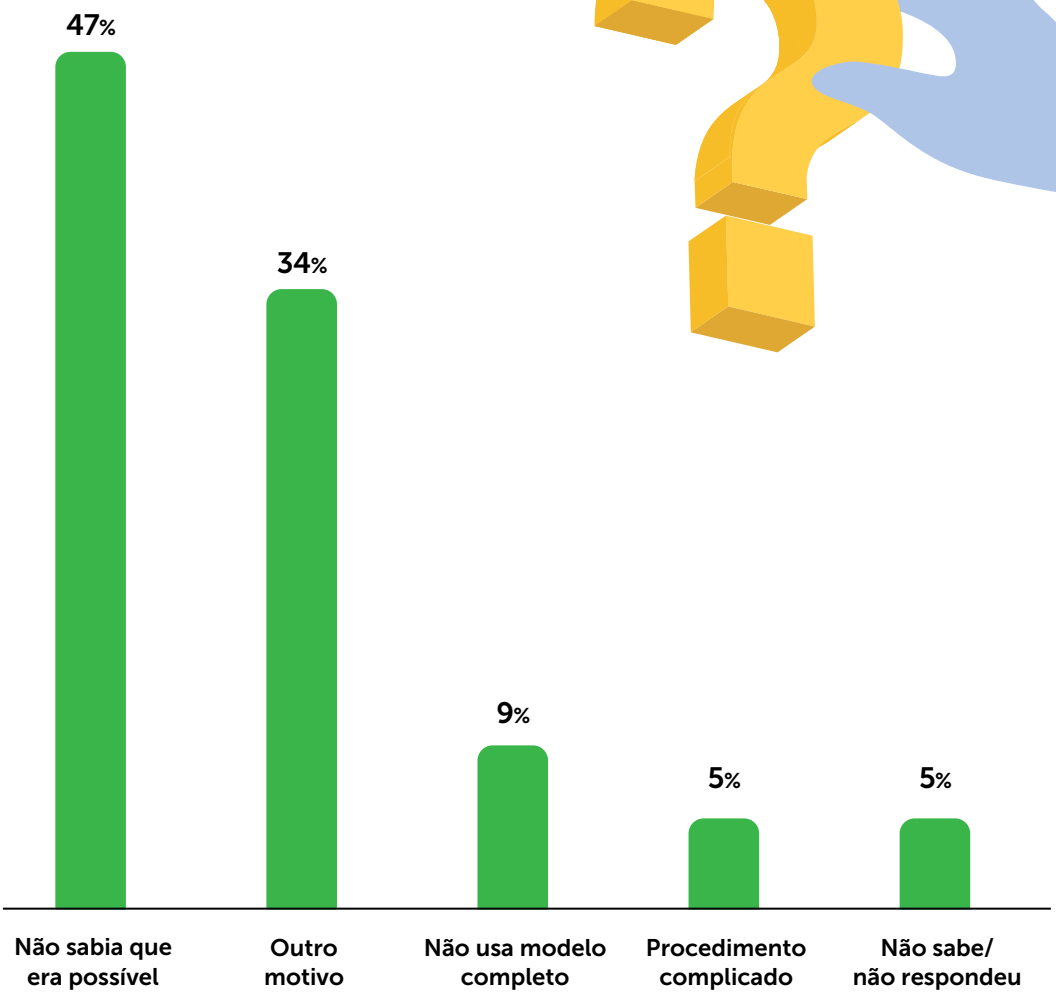
FONTE: RECEITA FEDERAL

A *Retrato da Solidariedade* confirma que o principal motivo para a alternativa não ser usada é o desconhecimento dessa possibilidade (*Gráfico 25*). Outro é a percepção de que o procedimento é complicado. As duas respostas sinalizam que o crescimento da doação por meio da declaração do IR depende menos de incentivos financeiros diretos e mais de estratégias de comunicação e educação: é necessário explicar de forma simples como fazer o aporte, demonstrar que não há custo adicional e evidenciar o impacto das doações.

GRÁFICO 25

Por que não doa via Imposto de Renda

(entre os que declaram IR) (2024)



NÚMERO DE RESPOSTAS: **347**

04

Qual o perfil de quem doa bens? E dos voluntários?

Como explicado no início deste relatório, a pesquisa debruçou-se sobre três maneiras de as pessoas apoiarem organizações da sociedade civil (OSCs): doação de bens, de tempo (voluntariado) e de dinheiro. Essa última modalidade, a única que aumentou de 2023 para 2024, foi explorada na seção anterior. Nesta, serão abordadas as outras duas.

A mais praticada pelos brasileiros é a doação de bens — em ambas as edições da *Retrato da Solidariedade* a proporção foi de 48%. Os dados dos dois períodos (Gráfico 26) apontam que:

- **Mulheres doam mais bens do que os homens:** Tanto em 2023 quanto em 2024, mais da metade das pessoas de sexo biológico feminino fizeram esse tipo de doação. Entre as do sexo masculino, 42%. Não houve variação nas duas edições do levantamento.

- **Pessoas na faixa de 35 a 44 estão entre as que mais doam:** Nos dois estudos, 52% das pessoas dessa faixa etária disseram ter doado bens. Em 2024, houve um aumento de 9 pontos percentuais no grupo de 25 a 34 anos, que também alcançou os 52%. Nas outras três faixas etárias, registrou-se variação negativa.

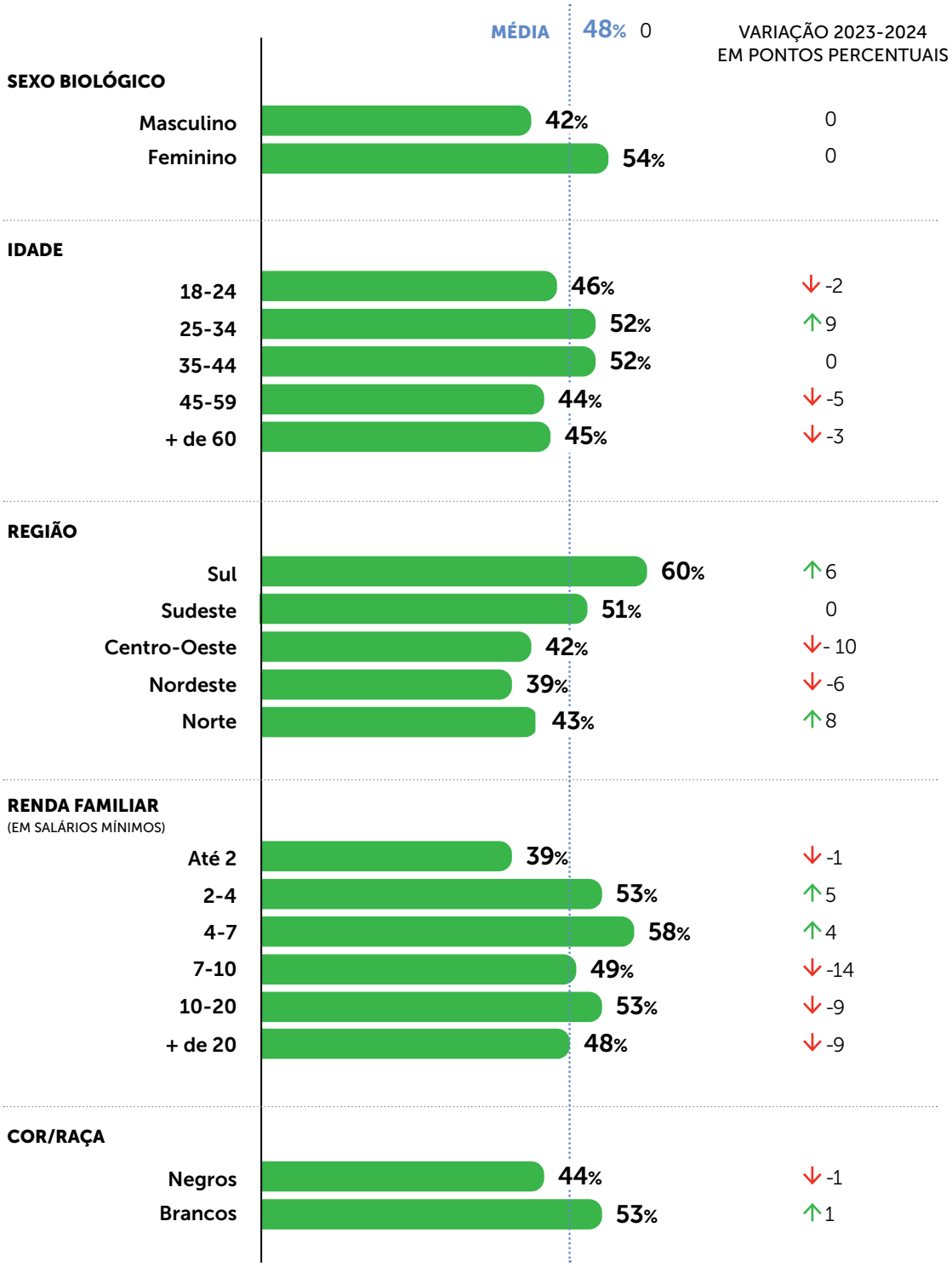
- **Doação cresceu mais no Sul e no Norte:** O aumento foi de 6 e 8 pontos percentuais, respectivamente. As duas regiões foram as mais atingidas por crises socioclimáticas em 2024 — o Sul, pelas enchentes no Rio Grande do Sul, e o Norte, por uma seca severa, especialmente em setembro. No Nordeste e no Centro-Oeste, a destinação de bens a OSCs caiu. No Sudeste, manteve-se estável.

- **Houve recuo nas faixas de renda mais altas:** No aporte financeiro às entidades, a queda foi expressiva apenas no topo da pirâmide (renda familiar maior que 20 salários mínimos). Na doação de bens, isso aconteceu nos três grupos mais altos (acima de 7 salários mínimos).

- **Os brancos doam mais do que os negros:** A diferença (7 pontos na primeira edição) aumentou um pouco (para 9 pontos), com pequena alta entre os brancos e pequena queda entre os pretos e pardos.

GRÁFICO 26

Quem doou bens para OSCs



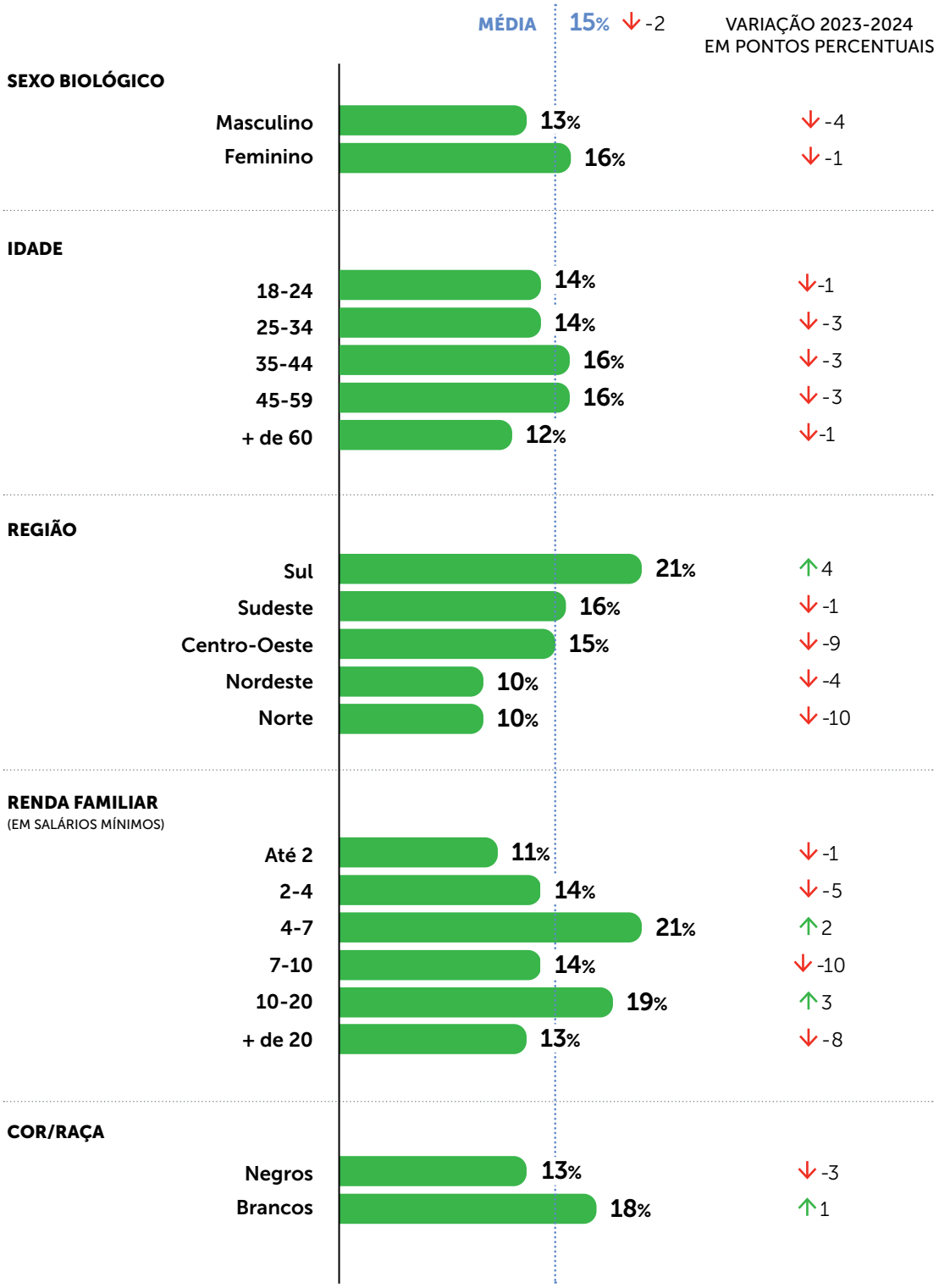
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.545** (2023) | **2.568** (2024)

Já o voluntariado registrou leve oscilação negativa (de 17% para 15%) no comparativo entre os dois anos. Esse pequeno encolhimento ocorreu:

- **Tanto entre os homens quanto entre as mulheres:** Entre eles, um pouco mais intensamente.
- **Em todas as faixas etárias**: Os idosos continuam sendo a parcela que menos faz trabalho voluntário.
- **Em todas as regiões — com exceção do Sul:** Mais uma vez, a região se destacou da média.
- **Na maioria das faixas de renda:** As exceções foram os domicílios de 4 a 7 salários mínimos e os de 10 a 20. Assim como na doação de dinheiro e de bens, a categoria mais alta (acima de 20 salários mínimos) está entre as que registraram queda mais aguda.
- **Entre os negros, mas não entre os brancos:** Os dois segmentos tomaram rumos opostos: pequeno recuo entre as pessoas pretas e pardas, pequena alta entre as brancas.

GRÁFICO 27

Quem foi voluntário em OSCs

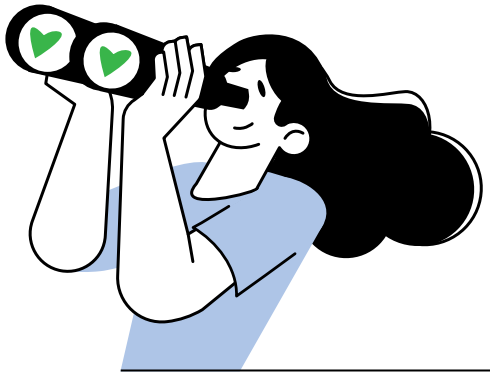


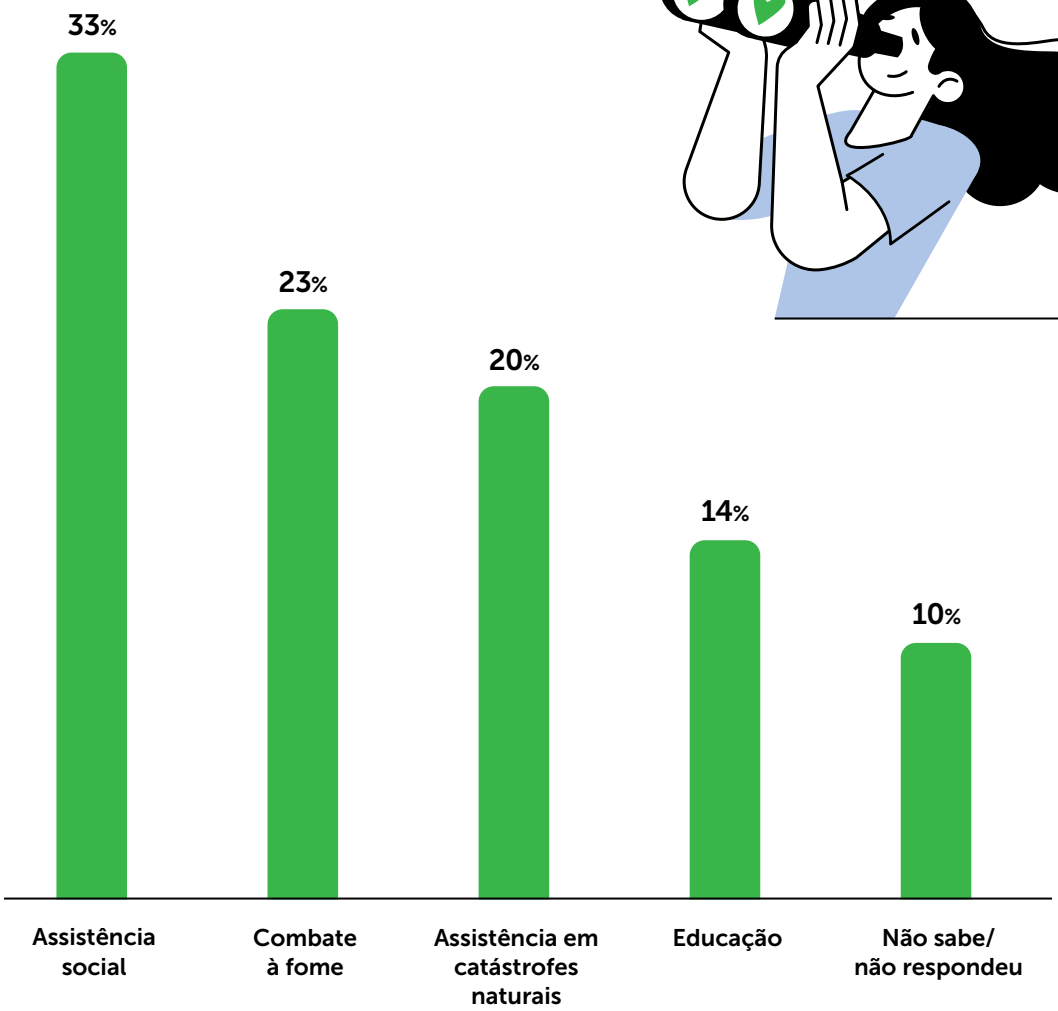
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.545** (2023) | **2.568** (2024)

O questionário de 2024 avançou na investigação sobre voluntariado ao perguntar as causas em que as pessoas atuaram. As respostas foram, em grande parte, na mesma direção daquelas sobre as áreas apoiadas financeiramente: a mobilização é mais expressiva em segmentos que lidam diretamente com demandas urgentes e contextos emergenciais. É o caso de assistência social (33%), combate à fome (23%) e assistência em situações de catástrofes naturais (20%). A educação foi citada por 14% dos participantes (*ver Gráfico 28*).

GRÁFICO 28

Área em que atuou como voluntário em 2024





NÚMERO DE RESPOSTAS: **371**

05

Doações às vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul

A magnitude das perdas (materiais e humanas), a geração de necessidades urgentes, a ampla cobertura da mídia — as enchentes do Rio Grande do Sul marcaram as doações no Brasil em 2024. As chuvas se estenderam de abril a maio, chegando a volumes acima de 200 milímetros ao dia entre 29 de abril e 3 de maio. Afetaram 478 dos 497 municípios do estado, atingiram quase 2,4 milhões de pessoas e causaram 183 mortes e 27 desaparecimentos[14]. Um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) calculou prejuízos de cerca de R$ 90 bilhões[15].

As cheias devem ser compreendidas no contexto mais amplo de eventos climáticos extremos que vêm ocorrendo nos últimos anos e, tudo indica, acontecerão com mais frequência[16]. Em diferentes regiões, o próprio 2024 foi caracterizado por temperaturas recordes, ondas de calor e frio, secas severas e chuvas excepcionalmente volumosas. No Espírito Santo, por exemplo, o município de Mimoso do Sul recebeu entre 300 e 600 mm de chuva em dois dias do final de março, com enchentes e enxurradas que mataram 20 pessoas e deixaram cerca de 10 mil desabrigadas. Na Amazônia Legal, quase 60% dos municípios enfrentaram algum grau de estiagem todos os dias do ano. A maioria das estações de monitoramento dos principais rios da bacia Amazônica — como Amazonas, Madeira, Solimões e Negro — registrou os níveis mais baixos em mais de 120 anos.

Nesse cenário, saber como a população enxerga tais fenômenos pode auxiliar lideranças públicas e privadas a compreender se os brasileiros estão dispostos a arcar com os custos e as consequências de ações de prevenção e cuidado voltadas a eventos socioclimáticos. A *Retrato da Solidariedade* abordou o tema a partir de perguntas sobre as enchentes no Rio Grande do Sul.

As respostas revelam que a grande maioria dos brasileiros associa as enchentes às mudanças climáticas (causadas por ação humana) e acredita que eventos semelhantes serão mais frequentes (*ver Gráfico 29*). O resultado vai ao encontro de estudos recentes feitos no país — um da FGV-SP, por exemplo, indica que as pessoas reconhecem que as mudanças climáticas são reais (94%) e causadas por ações humanas (91%)[17].

14 Os dados são do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais: https://tinyurl.com/menkewmu. Ver detalhes nas Referências.

15 O estudo é de Ginés Suarez, Omar Bello e Jack Campbell. Ver detalhes nas Referências.

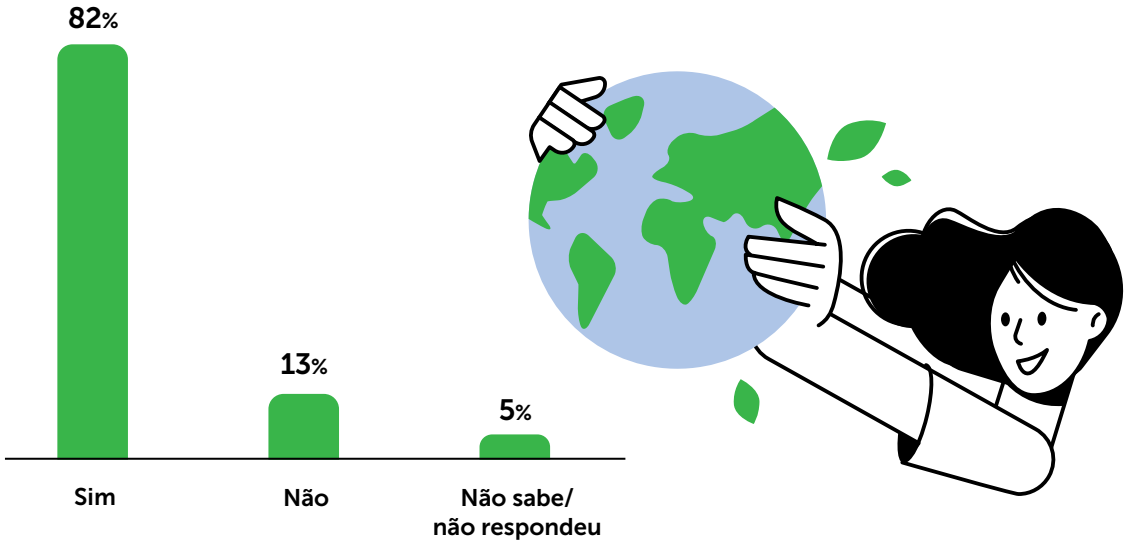
16 Sobre os eventos extremos de 2024, ver a nota anterior do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais.

17 Os dados estão em um artigo de Matias Spektor, Guilherme Fasolin e Juliana Camargo ("Climate change beliefs and their correlates in Latin America") e em outro dos dois primeiros autores com Vitória. Salgado (Confronting Climate Skepticism in Brazil: Recommendations for Communicators). Ver detalhes nas Referências. A pesquisa aponta ainda que 44% da população ainda não está inteiramente convencida de que as mudanças climáticas terão impacto na sua vida, um tópico não abordado na Retrato da Solidariedade.

Há, portanto, certa conscientização sobre as causas estruturais das catástrofes, o que pode ajudar no engajamento em agendas ambientais e de prevenção a desastres e favorecer a criação de vínculos de longo prazo com organizações que atuam nessas áreas.

GRÁFICO 29

Acredita que as enchentes no Rio Grande do Sul são resultado direto das mudanças climáticas – ou seja, da ação humana – e que ocorrerão com mais frequência nos próximos anos?



NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.568**

Quantos brasileiros ajudaram o RS?

A mobilização de pessoas, organizações sociais, empresas e governos frente às enchentes no Rio Grande do Sul foi sem precedentes. O canal oficial Pix SOS Rio Grande do Sul arrecadou R$ 128 milhões. Entre as campanhas que tiveram apoio de celebridades, a do Fundo Luz Alliance/Brazil Foundation angariou cerca de R$ 6 milhões e o leilão do Instituto Neymar, R$ 21 milhões[18]. A montantes como esses somaram-se milhares de doações feitas informalmente, muitas vezes com valores mais baixos, provenientes de indivíduos de várias partes do país, sensibilizados pelo que viram na TV ou nas redes sociais.

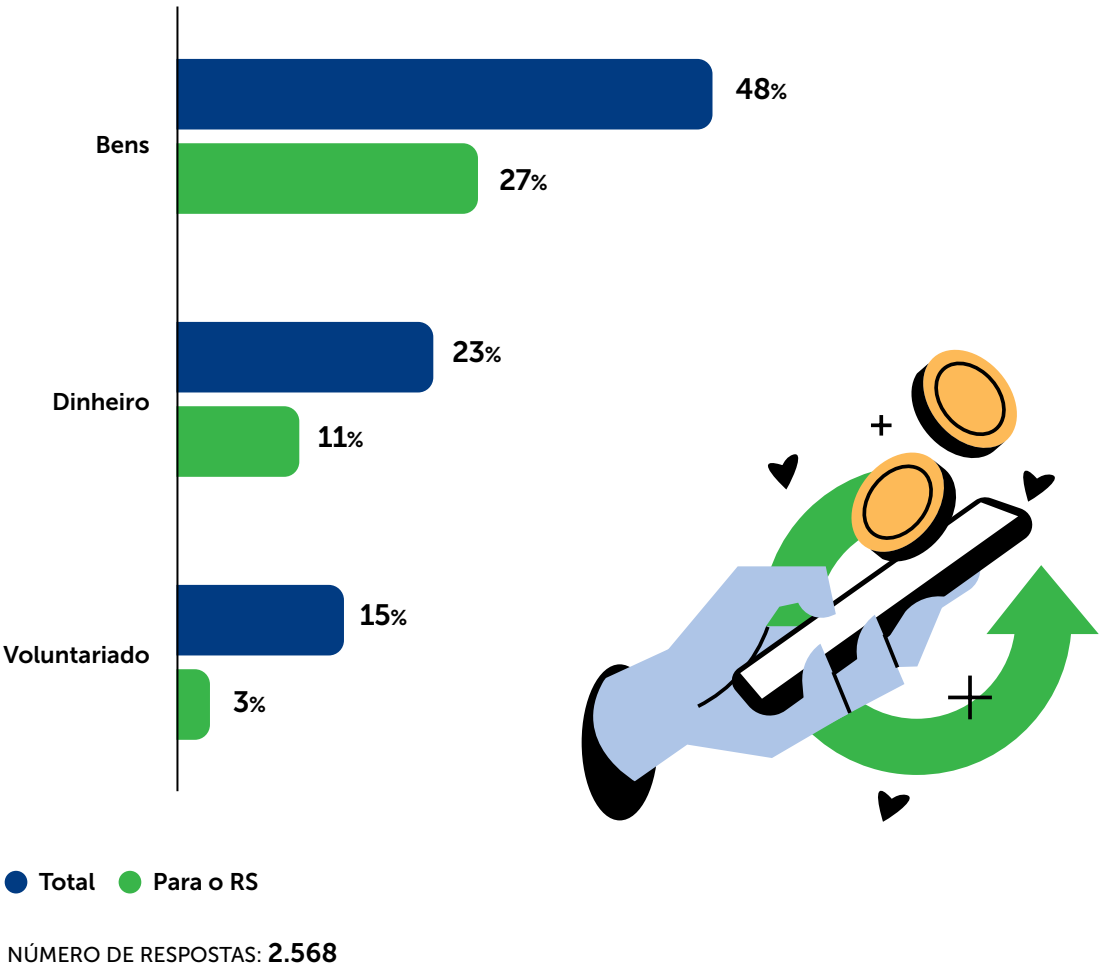
18 Os números do Fundo Luz Alliance foram retirados de um texto da revista Veja (https://tinyurl.com/ydrmx586); os do Instituto Neymar, de um texto da Folha de S.Paulo (https://tinyurl.com/y7rmjstu). Ver detalhes nas Referências.

A *Retrato da Solidariedade* investigou de que maneira as contribuições ao Rio Grande do Sul (em forma de bens, dinheiro ou tempo) influenciaram o volume total e a composição das doações em 2024. É uma forma de contribuir para entender o efeito de eventos emergenciais sobre a dinâmica das doações.

O levantamento indica que, no ano passado, 27% dos entrevistados disseram ter doado bens, 11% relataram ter feito repasses financeiros e 3% se voluntariaram em OSCs para auxiliar o Rio Grande do Sul (*ver Gráfico 30*). Os percentuais, significativos, sugerem que esse tipo de ajuda prioriza o atendimento imediato de necessidades básicas, especialmente quando há urgência logística e humanitária. O padrão reforça que, em desastres socioambientais, as campanhas de captação devem estar preparadas para receber e gerenciar diversos tipos de contribuição — não apenas recursos financeiros.

GRÁFICO 30

Doadores de bens, dinheiro e voluntariado (em 2024)



NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.568**

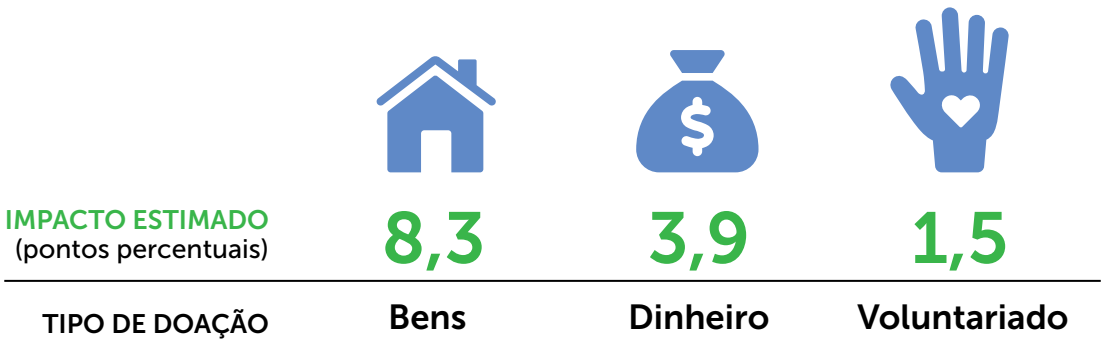
A ajuda ao RS impactou o total de doações?

A ajuda às vítimas da enchente teve efeito considerável nos três tipos de colaboração. A pesquisa mostra que catástrofes de grande visibilidade nacional conseguem engajar públicos que, em contextos normais, não doariam.

O impacto, porém, teve intensidade diferente nas três categorias (*ver a Figura 1*). Foi maior na doação de bens (estimativa de 8,3 pontos percentuais), depois no aporte financeiro (3,9 pontos) e um pouco menos no voluntariado (1,5 ponto).

FIGURA 1

Impacto das enchentes do RS sobre a proporção de doadores para OSCs em 2024

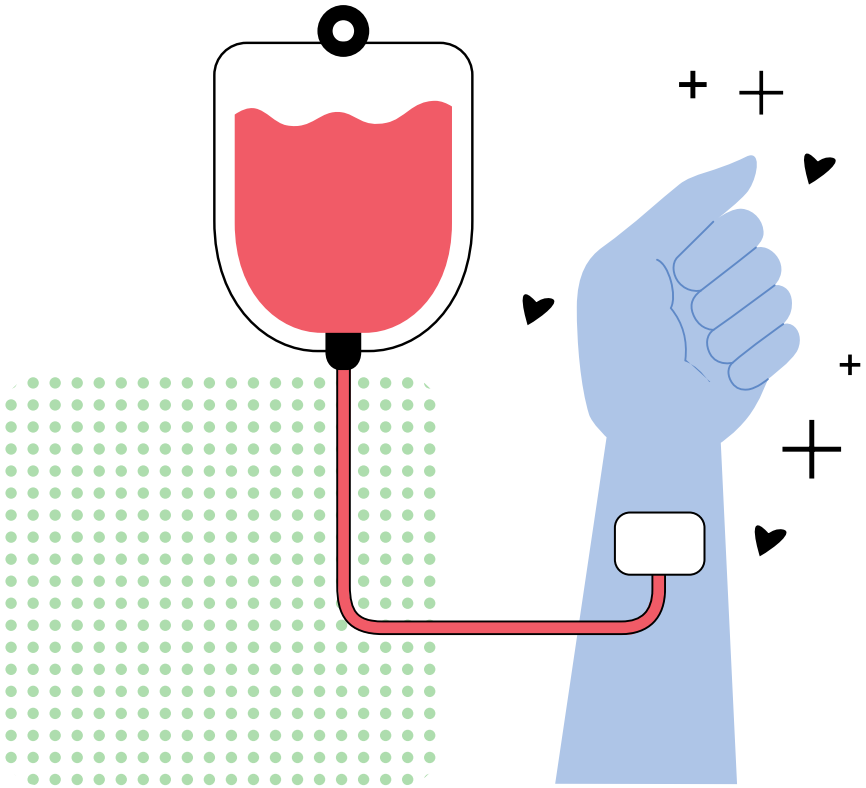


As estimativas foram calculadas a partir de uma pergunta específica. Aos entrevistados que declararam ter contribuído com OSCs em 2024 (seja em dinheiro, bens ou voluntariado), a pesquisa perguntou se haviam realizado doações para atender às demandas geradas pelas enchentes. A quem disse que sim, perguntou-se se aquela havia sido a primeira de sua vida.

Por exemplo: 842 entrevistados fizeram doação financeira no ano passado (número que, considerando as ponderações da amostra, corresponde a 828,9, ou 32,3% do total). Desses, 96 afirmaram que a ajuda ao Rio Grande do Sul foi a primeira que já realizaram. Partindo do pressuposto de que, sem as enchentes, essas 96 pessoas não teriam colaborado, passou-se de 828,9 para 728,4 doadores (considerando os pesos amostrais). Ou seja: de 32,3% para 28,4% dos respondentes, uma diferença de 3,9 pontos percentuais. Raciocínio semelhante foi feito para estimar o impacto no voluntariado e no repasse de bens.

06

Doação de sangue, órgãos e tecidos: quais são as barreiras?



Pode-se dizer que, em geral, a doação de material biológico (sangue, órgãos e tecidos) é o tipo de comportamento pró-social que mais diretamente salva vidas. Atos voluntários que garantem estoques suficientes de sangue e disponibilizam rins, fígado, coração, pulmão ou córnea podem ter impacto direto na sobrevivência ou na recuperação de milhões de pessoas.

No Brasil, mesmo com diversas campanhas do Ministério da Saúde, de hemocentros e organizações do setor, os bancos de sangue são cronicamente baixos. Em relação a órgãos e tecidos[19], apesar do relevante programa público que bateu recorde de transplantes em 2024[20], a oferta é insuficiente: há 78 mil pessoas à espera de procedimentos desse tipo.

Compreender os comportamentos individuais sobre o tema é fundamental para planejar políticas públicas que incentivem esses atos e conscientizem potenciais voluntários. A segunda edição da *Retrato da Solidariedade* incluiu novas questões relativas ao assunto, para entender as possíveis barreiras das pessoas que não doam sangue e das que não estão dispostas a ceder órgãos e tecidos.

19 Para além de campanhas de conscientização, fatores estruturais do sistema de saúde são cruciais para alcançar a demanda. Sobre isso, ver, por exemplo, o artigo de Leocádia Orsato Brufati Fagundes et al. e o de Solonas Symeou et al. Detalhes nas Referências.

20 Ver texto do Ministério da Saúde sobre o assunto: https://tinyurl.com/yc3xh3k6. Detalhes nas Referências.

Quantos doam sangue? Quais as justificativas de quem não doa?

O número de doadores de sangue no Brasil cresceu 14% entre 2023 e 2024, como mostram tanto a pesquisa quanto o balanço oficial da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Na *Retrato da Solidariedade*, isso significa uma variação de 1 ponto percentual: de 7% para 8% no número de pessoas que disseram ter doado nos 12 meses anteriores ao levantamento. Na Anvisa, o aumento foi de 500 mil doadores: de 2,1% para 2,4% da população com mais de 18 anos[21].

Se a variação foi a mesma, o que explicaria a diferença na quantidade de doadores captada pela pesquisa e pela Anvisa? Três fatores ajudam a entender: a) a tendência de parte dos entrevistados de assumirem práticas valorizadas socialmente, mesmo sem tê-las realizado (*social desirability bias*); b) lembranças imprecisas: alguns podem acreditar ter doado sangue há menos tempo do que realmente doaram (*recall error*); e c) variações estatísticas normais em pesquisas amostrais, dentro da margem de erro de 2%[22].

Por meio da *Retrato da Solidariedade*, é possível ter pistas sobre o perfil dos doadores (Gráfico 31). Apesar de pequenas oscilações entre 2023 e 2024, os dados indicam que:

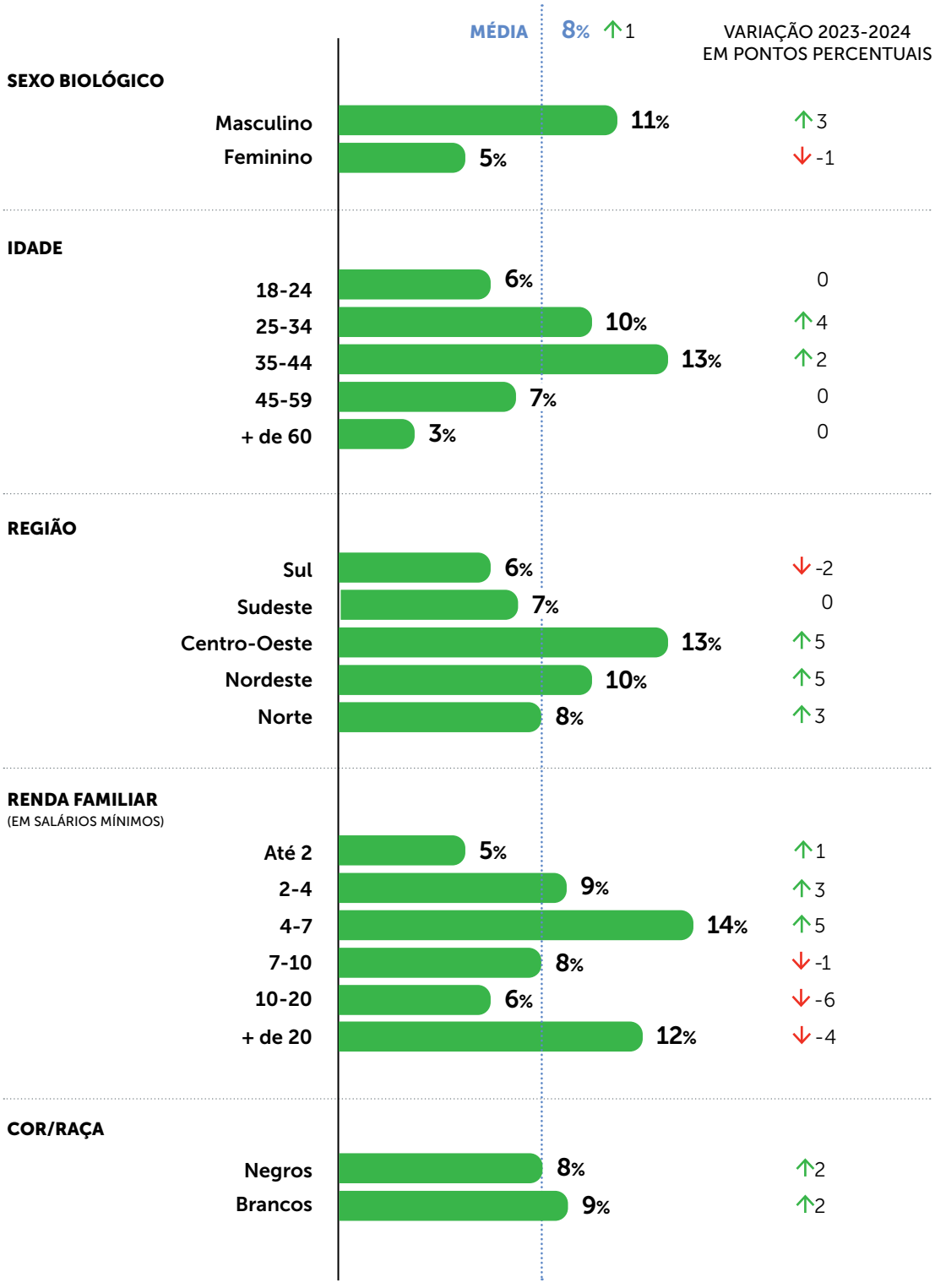
- **Homens doam mais que as mulheres**, e a distância se ampliou de um ano para o outro.
- **Faixas etárias intermediárias se destacam,** em especial a de 35 a 44 anos. Jovens e idosos doam menos, provavelmente por nem sempre preencherem requisitos de saúde.
- **Só houve recuo no Sul**; Sudeste ficou estável e as demais regiões cresceram.
- **Patamares são parecidos entre negros e brancos**, com pouco menos de 10% de doadores em cada grupo. A contribuição oscilou para cima nos dois casos entre 2023 e 2024.
- **Contribuição diminuiu nas faixas mais altas de renda,** movimento oposto ao registrado nas de menor rendimento.

21 Os números da Anvisa estão em https://tinyurl.com/3949fypm. Ver detalhes nas Referências.

22 Essa discussão é abordada em artigo de René Bekkers e Pamala Wiepking. O caso brasileiro é tratado por Gustavo Araujo, Flávio Pinheiro e Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes. Ver detalhes nas Referências.

GRÁFICO 31

Quem doou sangue pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

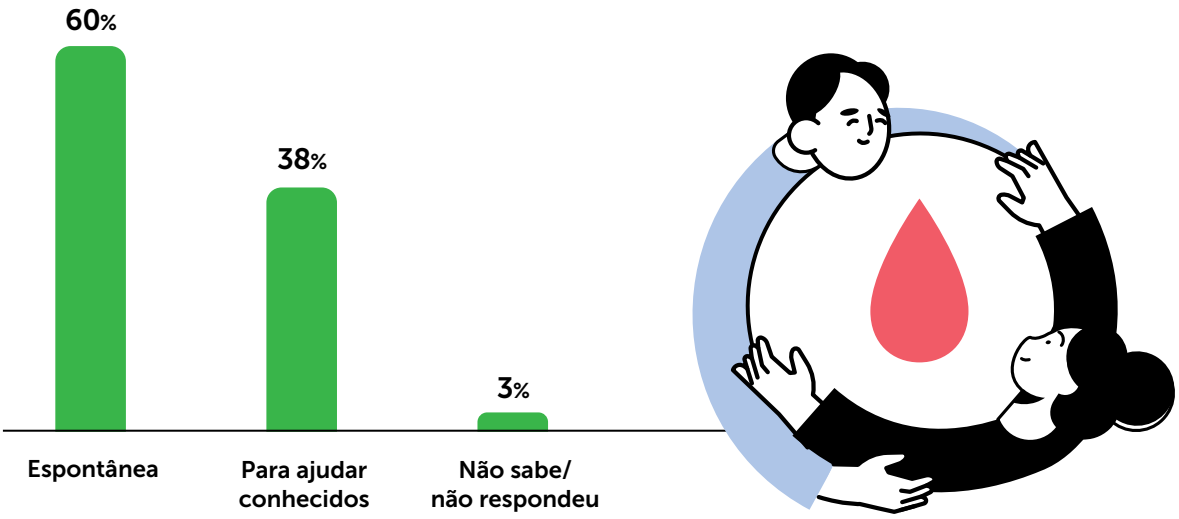


NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.545** (2023) | **2.568** (2024)

Os números da *Retrato da Solidariedade* convergem mais diretamente com os da Anvisa em outro ponto. A maioria dos entrevistados afirma doar sangue de modo espontâneo (60%; na Anvisa, são 58%). E 38% (cifra idêntica à da Anvisa) contribuíram por reposição, ou seja, para atender um paciente conhecido que estava hospitalizado (*ver Gráfico 32*).

GRÁFICO 32

Em geral, você doa sangue quando alguém pede, para ajudar algum conhecido, ou de forma espontânea, sem motivo específico?



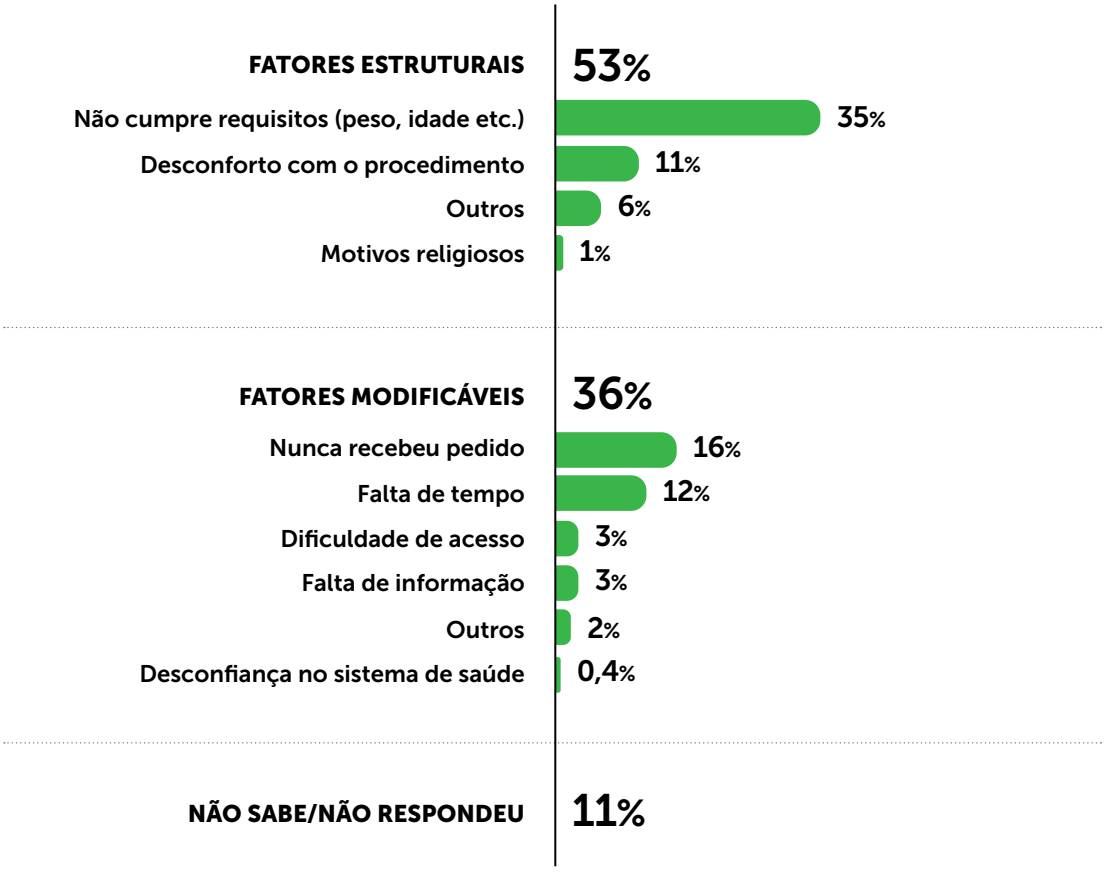
NÚMERO DE RESPOSTAS: **941**

Para quem nunca doou ou não faz isso regularmente, a pesquisa perguntou o motivo. As justificativas foram classificadas em dois grupos (estruturais e modificáveis). Essa categorização pode eventualmente dar subsídios para a formulação de políticas públicas e campanhas de conscientização mais direcionadas. Investimentos que gerem informação qualificada, acessibilidade e confiança nas instituições de saúde podem aumentar a quantidade de doadores. Ao mesmo tempo, compreender os obstáculos estruturais ajuda a calibrar expectativas e estratégias, reconhecendo que nem todas as restrições podem ser eliminadas.

A maior parte (53%) das barreiras citadas é estrutural, mais difícil de ser superada — como questões religiosas, não preenchimento de requisitos básicos (ligados a peso, idade e condições de saúde) e desconforto com o procedimento. Um pouco mais de um terço menciona fatores modificáveis, potencialmente alterados por campanhas ou ações estatais, como dificuldade de acesso, desconfiança em relação ao sistema e falta de tempo (*ver Gráfico 33*).

GRÁFICO 33

Principal motivo de nunca ter doado sangue ou não doar regularmente



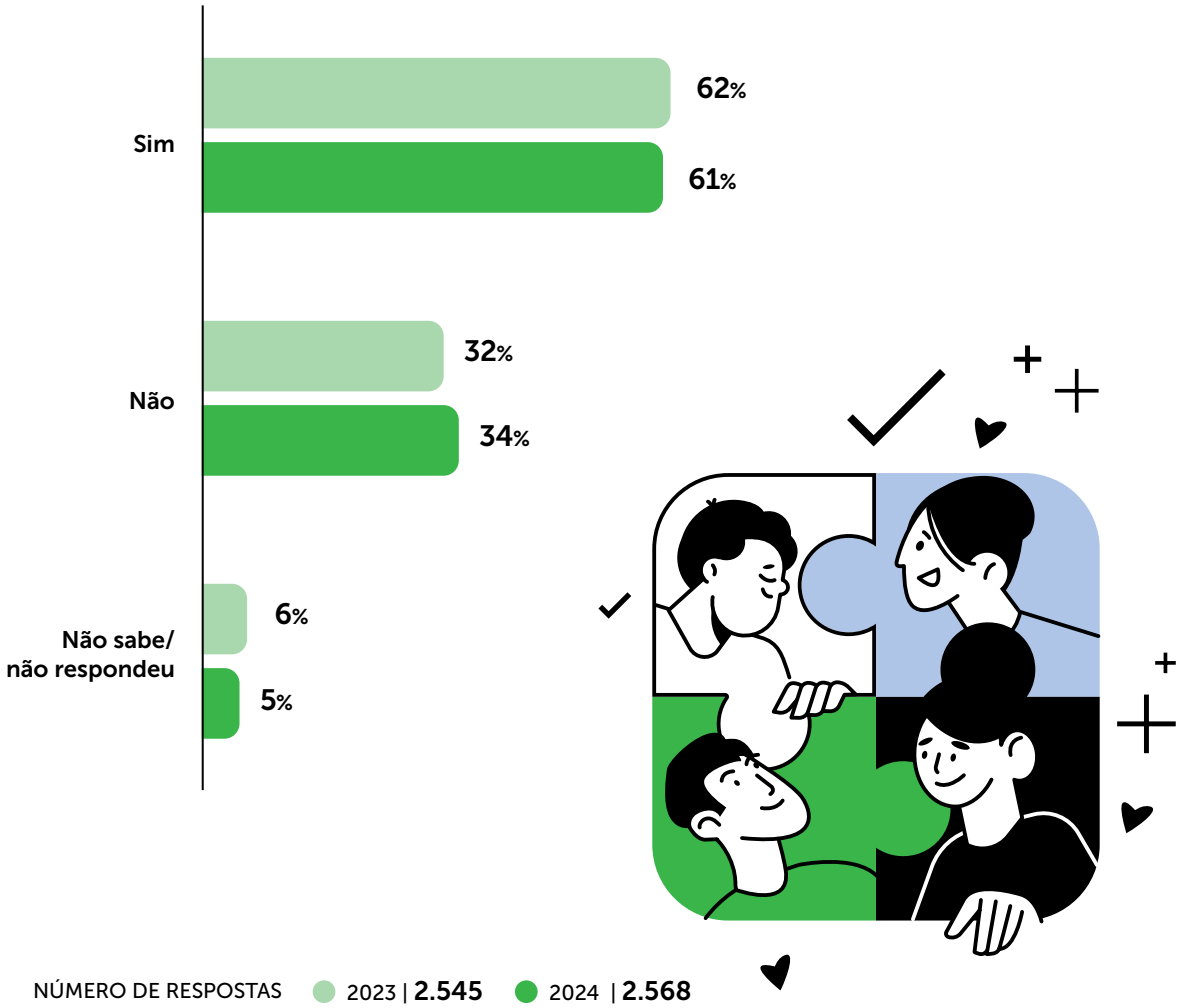
NÚMERO DE RESPOSTAS: **2.124**

Quantos se dispõem a doar órgãos? Quais as justificativas de quem não consente?

O Brasil registrou um número recorde de transplantes em 2024, mas o total de doadores caiu, segundo o Ministério da Saúde. Pouco mais da metade (55%) das famílias autorizou a cessão dos órgãos. Nas duas edições da *Retrato da Solidariedade*, a maioria dos entrevistados declarou que daria à família permissão para doar seus órgãos e tecidos em caso de morte cerebral, como mostra o Gráfico 34.

GRÁFICO 34

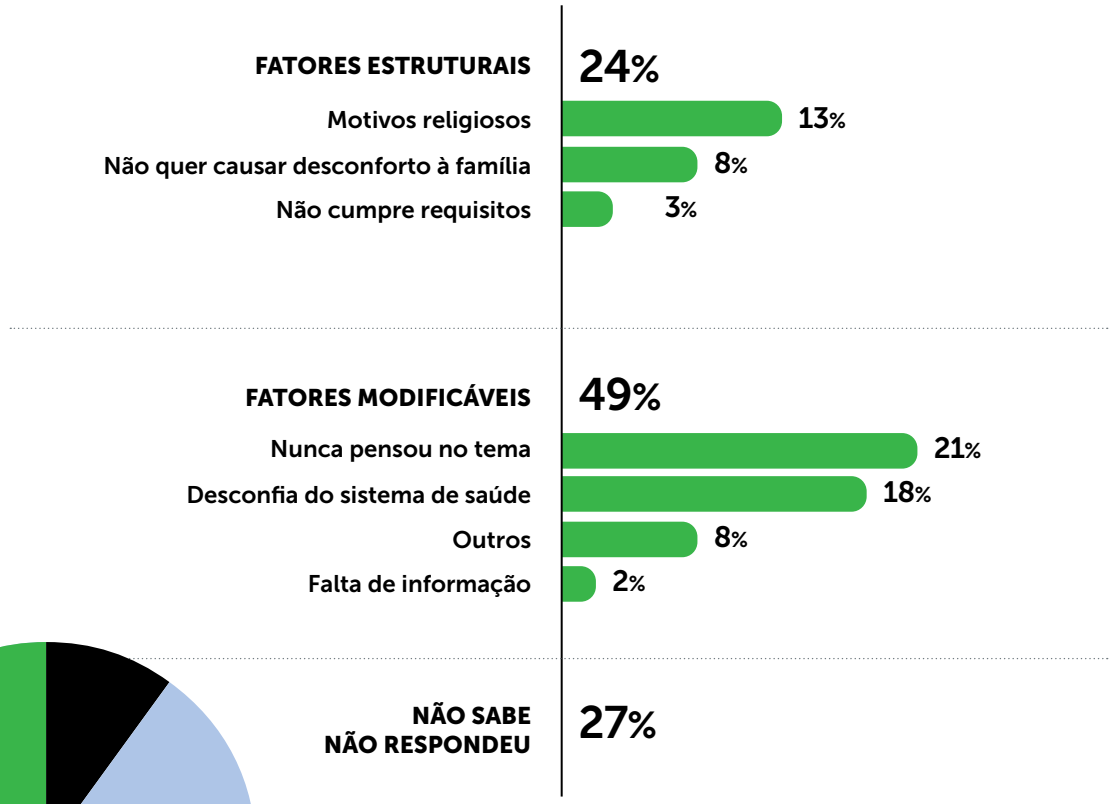
Daria permissão para família doar seus órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral?



O que leva cerca de um terço da população a não permitir a doação? O questionário do ano passado acrescenta uma questão sobre isso (*ver Gráfico 35*). Quase metade das razões reportadas refere-se a fatores modificáveis, como desconfiar do sistema de saúde, não ter informação e nunca ter pensado no assunto. Um quarto alega fatores que a pesquisa classifica como estruturais — inaptidão, motivos religiosos e preocupação em causar desconforto à família. Há ainda um elevado número de "Não sei/Não respondeu" (27%), diferentemente do caso da doação de sangue.

GRÁFICO 35

Por que não permitiria que a família doasse órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral



NÚMERO DE RESPOSTAS: **864**

Referências

1. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). *Sistema de Informação e Produção Hemoterápica (Hemoprod)*. 2025. URL: https://tinyurl.com/h7rkvukm.

2. Gustavo Araujo, Flavio Pinheiro e Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes. "Non-Strategic Errors in List Experiments: Implications for Survey Accuracy". Working Paper. 2024.

3. René Bekkers e Pamala Wiepking. "Accuracy of self-reports on donations to charitable organizations". *Quality & Quantity* 45.6 (2011), pp. 1369–1383.

4. Banco Central do Brasil (BCB). *Banco Central divulga pesquisa "O brasileiro e sua relação com o dinheiro" nesta quarta-feira*. 2024. URL: https://tinyurl.com/4hpb2hkc .

5. Oscar Castorena et al. "Online Surveys in Latin America".*PS: Political Science & Politics* 56.2 (abr. de 2023), pp. 273–280.

6. Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais. *Estado do clima, extremos de clima e desastres no Brasil em 2024 (Nota Técnica n.19/2025/SEI-CEMADEN)*. Jan. de 2025. URL: https://tinyurl.com/menkewmu.

7. Cassandra M. Chapman, Matthew J. Hornsey e Nicole Gillespie. "To What Extent Is Trust a Prerequisite for Charitable Giving? A Systematic Review and Meta-Analysis". *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 50.6 (dez. de 2021), pp. 1274–1303.

8. Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo (CNC). *Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic)*. 2025. URL: https://tinyurl.com/myhtrzb.

9. Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo (CNC). *Pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias (ICF)*. 2025. URL: https://tinyurl.com/yc6w28ab.

10. Edelman Brasil. *Edelman Trust Barometer*. 2025. URL: https://www.edelman.com/br/ptbr/estudos.

11. Leocádia Orsato Brufati Fagundes et al. "Transplante de órgãos no Brasil – análise comparativa com os principais modelos internacionais: revisão integrativa". *Revista Contemporânea* 5.4 (abr. de 2025), e7912–e7912.

12. Folha de S. Paulo. "Neymar anuncia doação de R$ 21 milhões para o Rio Grande do Sul". *Folha de S. Paulo* (2024). Section: Celebridades. URL: https://tinyurl.com/y7rmjstu .

13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Projeções da População | IBGE*. 2025. URL: https://tinyurl.com/2rt8fjfc .

14. Latinobarómetro Corporation. *Latinobarómetro Study 2018*. Aggregated Version 2018. URL:https: //www.latinobarometro.org/latinobarometro-2018.

15. Latinobarómetro Corporation. *Latinobarómetro Study 2020*. Aggregated Version 2020. URL:https: //www.latinobarometro.org/latinobarometro-2020.

16. Ministério da Saúde. *Brasil bate recorde de transplantes e anuncia medidas para modernizar sistema e aumentar doações*. 2025. URL: https://tinyurl.com/yc3xh3k6.

17. Michaela Neumayr e Astrid Pennerstorfer. "The relation between income and donations as a proportion of income revisited: Literature review and empirical application". *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 50.3 (2021), pp. 551–577.

18. Stefan Pfattheicher, Yngwie Asbjørn Nielsen e Isabel Thielmann. "Prosocial behavior and altruism: A review of concepts and definitions". *Current opinion in psychology* 44 (2022), pp. 124–129.

19. Flávio Pinheiro e Gustavo Araujo. "Evaluating Donor Preferences in Middle-Income Countries: A Conjoint Survey Experiment in Brazil". Working Paper. 2024.

20. Flávio Pinheiro e Gustavo Araujo. *Base de Dados – Retrato da Solidariedade: Comportamento Prósocial no Brasil (RSCPB)*. São Paulo, 2024. URL: https://osf.io/72npx.

21. Michael Robbins et al. "Mode Effects on in Non-Democratic Environments: Evidence from Experiments in MENA". 2024.

22. M. Spektor, G. Fasolin e V. Salgado. *Confronting Climate Skepticism in Brazil: Recommendations for Communicators*. Rel. técn. São Paulo, Brazil: School of International Relations at FGV, 2023.

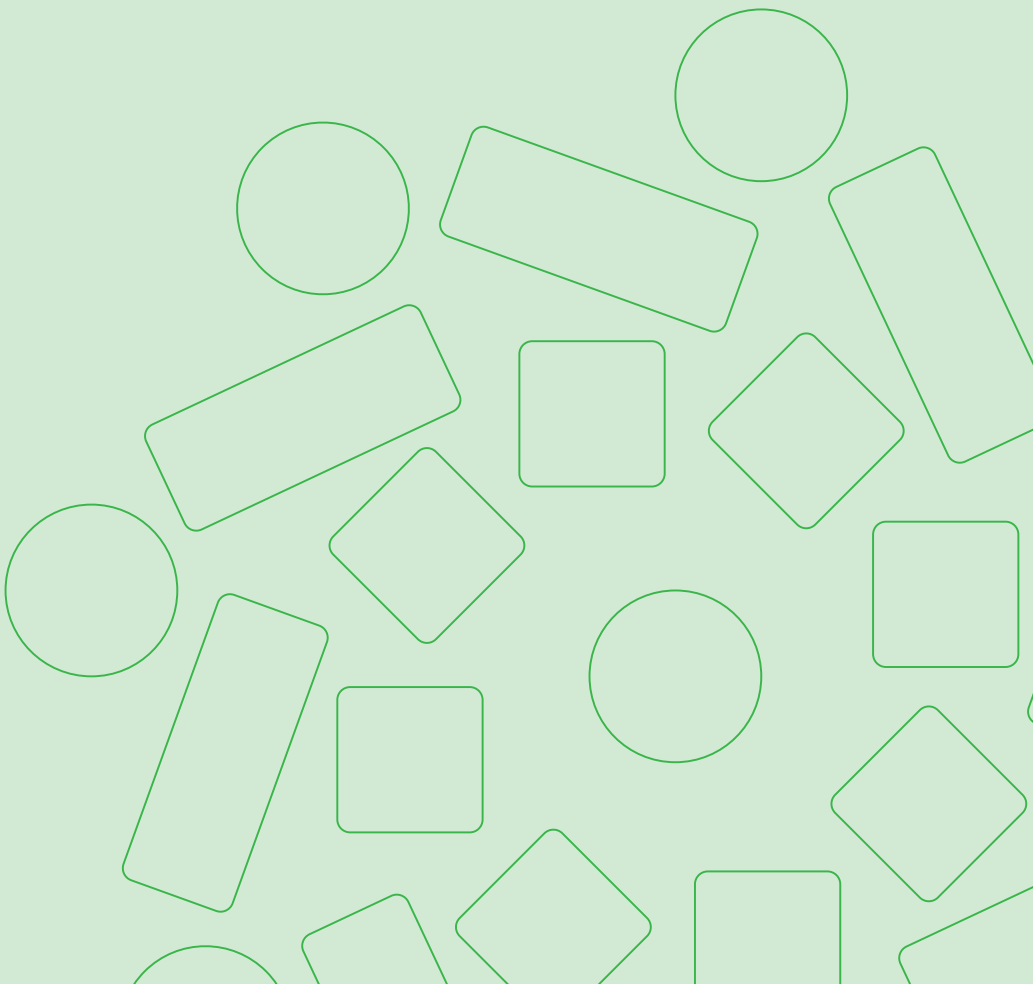
23. Matias Spektor, Guilherme N. Fasolin e Juliana Camargo. "Climate change beliefs and their correlates in Latin America". *Nature Communications* 14.1 (2023), p. 7241.

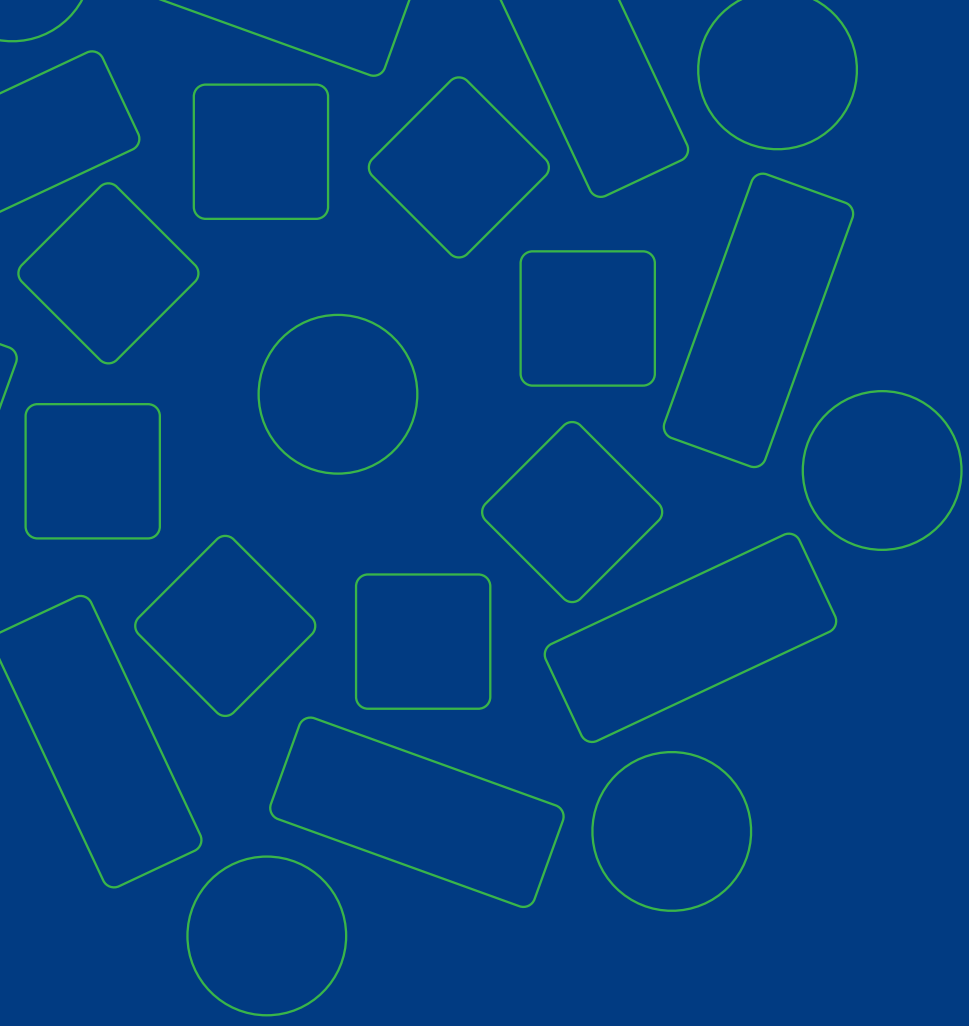
24. Ginés Suarez, Omar Bello e Jack Campbell. "Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul". *IDB Publications* (nov. de 2024). Inter-American Development Bank.

25. Solonas Symeou et al. "Global transplantation: Lessons from organ transplantation organizations worldwide". *World Journal of Transplantation* 15.1 (mar. de 2025), p. 99683.

26. Veja. "O montante arrecadado por Gisele Bündchen a vítimas das chuvas no Sul". *VEJA* (mai. de 2024). Section: Brasil. URL: https://tinyurl.com/ydrmx586.

27. Pamala Wiepking. "The philanthropic poor: In search of explanations for the relative generosity of lower income households". *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations* 18.4 (2007), pp. 339





Pensi
Instituto de
Pesquisa e Ensino

INSTITUIÇÃO DA

Fundação
José Luiz
Setúbal